

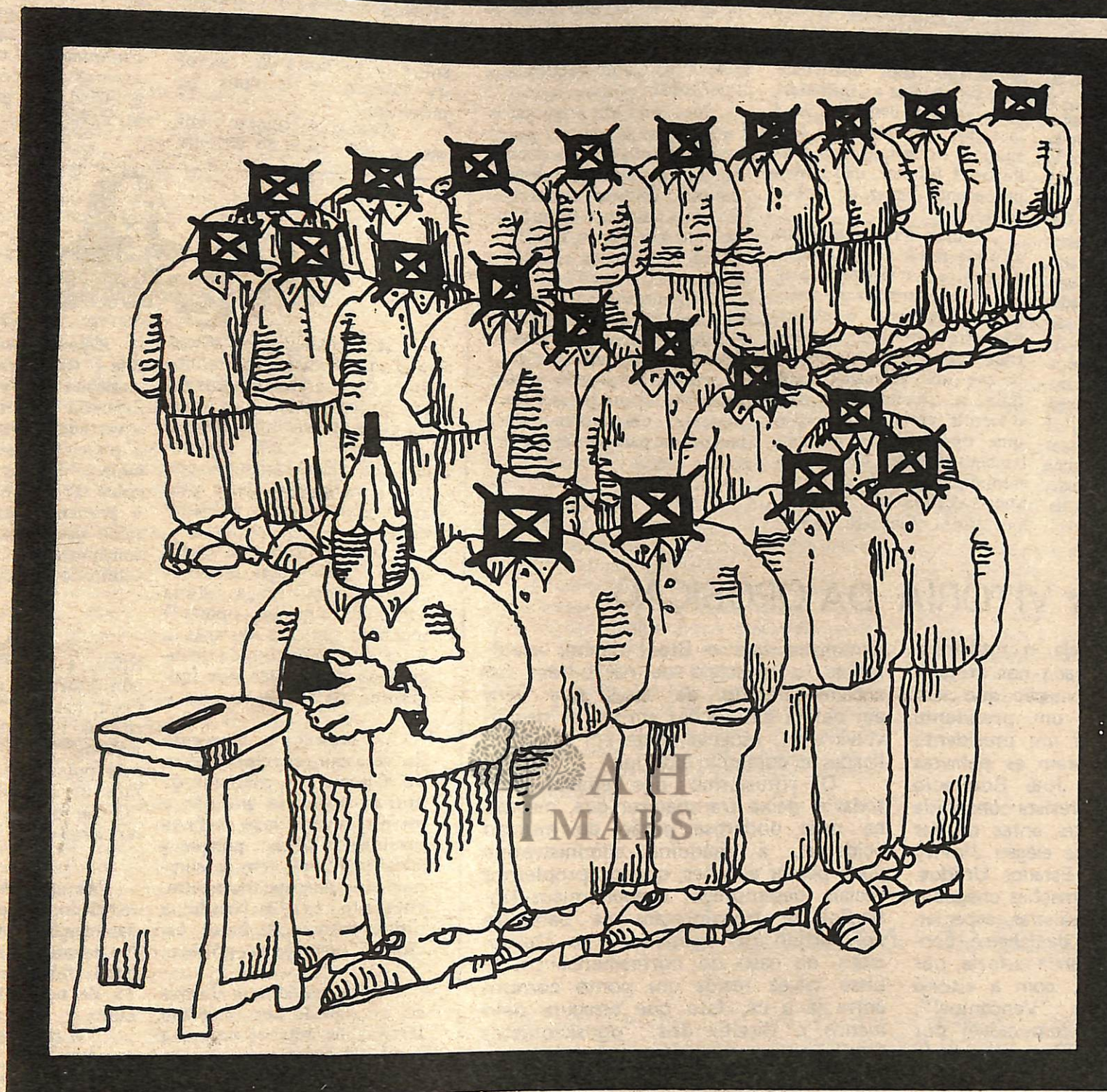
JORNAL DE 2^a ETAPA

JUNDIAÍ, 8 A 14 DE NOVEMBRO DE 1976

ANO II

No. 72

Cr\$ 2,00



NÃO DESPERDICE O SEU VOTO. VEJA COMO, ONDE E EM QUEM VOTAR.

Pag. 8/9

**IBIS CONTRA O
FUTURO.**

Pag. 3

Problemas nos bairros e
pouca verba aguardam o
prefeito e os vereadores
que você elegerá dia 15.

**TUDO CONTRA
UMA VILA.**

Pag. 16

Quanto pode uma máquina administrativa atuar e incluir no contrário de uma campanha eleitoral municipal?

A presente campanha, em Jundiá, poderá servir para que se extraiam dela algumas lições.

É fora de dúvida que a máquina administrativa municipal está sendo usada a todo vapor para tentar influenciar o eleitorado no sentido de uma votação continuista. Como sempre acontece nesse tipo de política provincial, inaugurações, festinhas, obras providencialmente acabadas às vésperas das eleições, são usadas pelos detentores do poder para servir como peça forte de uma campanha maciça de persuasão. A própria propaganda oficial é orientada no sentido de crer que está em andamento uma revolução de obras na cidade, e que esse pretenso dinamismo pode acabar se o veredi-

to das urnas for contrário às aspirações da atual administração.

Acontece que nem sempre a propaganda maciça atinge os objetivos a que se propõe. Um mau produto anunciado com insistência, grandiloquência e espalhafato pode vender bem quando é lançado. Mas quando o consumidor notar que a sua qualidade é inferior, não haverá propaganda capaz de fazê-lo consumir.

É mais ou menos o que se pode notar no andamento da campanha eleitoral local.

O consumidor de mensagens, no caso o eleitor, não está cabrestado, ao contrário do que podem pensar os que estão acionando a máquina administrativa. Ele sabe discernir entre uma obra e uma obra. E está notando também as intenções que se escondem atrás dessa gigantesca cortina de palavras loubatórias. Ele sabe perfeitamente

notar que se a água potável está sendo entregue estrategicamente a um bairro nas vésperas das eleições, ela poderia ter sido entregue muito antes, se a intenção fosse mesmo a de dar água, e não a de barganhá-la por votos.

Por isso, há perguntas insistentes no ar, toda vez que a comitiva oficial se desloca para um bairro para promover pequenos festivais eleitorais: "mas porque só agora?"; "por que não vieram antes?"; "se não tivéssemos eleições agora, teríamos água?".

A propaganda quando é mal usada, e quando procura disfarçar intenções escusas, pode acabar virando uma arma contra o próprio propagandista. É preciso que ela contenha um mínimo de sinceridade para ser levada a sério.

Equipe J2a.

UMA VITÓRIA DA OPOSIÇÃO

"Qualquer que seja o vitorioso, Ford ou Carter, isso nada nos afetará. O Brasil é, hoje, uma nação que será respeitada, tanto por um presidente democrata, quanto por um presidente republicano". Estas foram as palavras do deputado federal José Bonifácio (Arena, MG), numa entrevista concedida à Rede Globo, instantes antes de ser iniciada a apuração que elegeu Jimmy Carter presidente dos Estados Unidos.

No entanto, informações chegadas das grandes cidades brasileiras, especialmente São Paulo e Rio de Janeiro, contam que houve uma grande euforia, por parte dos emedebistas, com a vitória do Partido Democrata. "Vencemos!", chegou a exclamar o responsável por um dos comitês do MDB, confirmando assim a alegria que tomou conta dos oposicionistas nacionais.

O que haveria por trás do convicto comentário do líder arenista na Câmara Federal e do entusiasmo dos partidários do MDB?

UMA QUESTÃO DE FOCO

Naturalmente, o parecer do deputado José Bonifácio tem muitos e bons fundamentos, se levarmos em conta que o Chanceler Azeredo da Silveira, em seus pronunciamentos na Organização das Nações Unidas, tem revelado atitudes corajosas na defesa dos países do chamado Terceiro Mundo, o que

demonstra que o Brasil detém, atualmente, o prestígio de nação-líder no encaminhamento de teses que vêm em defesa das nações em via de desenvolvimento, especialmente em questões ligadas ao comércio exterior.

O entusiasmo dos emedebistas, todavia, deixa transparecer que, mesmo na mais poderosa nação do mundo ocidental, a máquina administrativa pode perder eleições, quando problemas sociais (desemprego) e econômicos (inflação) se transformam na bandeira do partido de oposição — o Democrata, no caso do norteamericanos. E nisso talvez resida um ponto comum entre lá e cá, fato que assegura pelo menos o direito dos oposicionistas brasileiros acreditarem que estejam no caminho certo, quando enfocam problemas semelhantes na sua campanha para as eleições de 15 de novembro.

Afora essas conjecturas, resta apenas uma dedução aos analistas para interpretar a euforia do MDB pela vitória de Carter: as constantes referências a uma nova política de ajuda exterior, feita por assessores do presidente eleito, onde tem ficado patente o desejo do governo democrata em dar maior atenção aos países cujos regimes mais se enquadrem nos ideais da democracia. A vitória de Carter talvez fosse um grande impulso em favor da maior "abertura" com que os emedebistas sonham. (P. O.)

PERMUTA: NOVO ADIAMENTO

Os vereadores da Câmara Municipal aprovaram por unanimidade o ofício do prefeito, que atendia solicitações dos vereadores, prorrogando por mais 90 dias a discussão do projeto que versa sobre a permuta de imóvel da Pozzani e terrenos do município.

Assim, o projeto voltará a ser discutido no dia

4 de fevereiro de 1977, ainda nesta legislatura.

O presidente da Câmara, vereador Carlos Ungaro, declarou que os peritos que avaliarão as áreas já foram contratados, mas nenhuma informação (por exemplo: quem são, qual a firma, de onde é) pode ser dada.



A vaia dada pelos acadêmicos de Medicina ao prefeito Ibis Cruz, na abertura dos Jogos Universitários, dias atrás, foi considerada "inexpressiva, um protesto muito particular" daqueles estudantes, contra o tratamento dado pela atual administração à Faculdade.

O que ficou sem explicação, para esses mesmos comentaristas, foi a última vaia (terceira ou quarta?) recebida por Ibis durante a festa comemorativa da inauguração da Avenida dos Imigrantes, dia 31.

A presença inconveniente do vereador (expulso) Rolando Giarola em comícios de outros candidatos que não o seu está repercutindo desfavoravelmente. Memo porque o adesista Giarola tem se comportado desrespeitosamente, chegando, na Vila Nambi, a dirigir palavras de baixo calão, na presença do público.

Entreouvido num churrasco, promovido depois de um festival de futebol na zona rural: "A gente come a carne aqui, depois frita o homem na urna".

Observadores comentam que o transporte de eleitores começou mais cedo, este ano. Segundo eles, um candidato a vereador e outro candidato a prefeito, ambos da Arena, andam colocando seus veículos a serviço do público: o primeiro, dando carona à saída das fábricas; o outro, transportando famílias até o cemitério, no Dia de Finados.

Para o nosso folclore político: a derrota da máquina administrativa do presidente Ford, nas eleições norte-americanas, foi pretexto para que alguém, cheio de espírito, extrapolasse a fato para o âmbito de Jundiá, afirmando: "O que é bom para os Estados Unidos..."

As apostas têm sido outro dado comum, no folclore das eleições anteriores à esta. No entanto, ainda não se ouviram falar nelas, embora o 15 de novembro esteja próximo.

"O páreo está duro", comentam os apostadores, "qualquer prognóstico seria temerário".

JORNAL DE 2ª

Propriedade da Editora Japi Ltda.
Rua Senador Fonseca, 1044
Redator Chefe: Carlos Veiga
Ilustração: Décio Denardi
Diagramação: Carlos Kazuo Inoue
Impressão: Departamento de Off-Set do
"Diário do Povo" - Campinas

ASSINE O JORNAL DE 2ª

disque: 434-8648



Canto Chorado

E o povo que era cego já começa me enxergar

A semana que passou foi toda ela de foguetório. O negrume do céu se avermelhou com os estampidos alvissareiros. Eram os "chupetas" que soltavam rojões e corriam atrás das varas. O Reis ataviado com púrpuras de candidato "menava" a cabeça num gesto típico de solidariedade e benquerença. Seu prefeito, de tesoura em punho ia cortando, aqui e ali, as fitas inaugurais. A banda tocava o hino "Terra Quebrida Jundiá" e o "Carlitos" quebrava a monotonia do ambiente com chulas momices à criançada. Da plataforma das girândolas a pirotécnica de Ibis iluminava festivamente o céu com o clarão estrepitoso das bombas e dos rojões anunciadores do "progresso" que explode de minuto a minuto.

E as novas inaugurações, exaltadas pelo verbo eloquente de Giarola, iam uma a uma sendo mostradas aos "imigrantes" extasiados pelo gênio criativo do maior de todos os alcaides.

E nesse instante os "chupetas" compunham a cara e deixavam escorrer do canto da boca um sorriso brejeiro ao aproximar-se do gentio a quem entregavam um papelúcho com a significativa divisa "Vamos Continuar".

E todos se refestelavam, porque aqui, parafraseando o poeta, a "chupetada" vive "eternamente" em festa.

Vamos continuar, pois não. Vamos continuar com as inaugurações... de vias desertas a preços milionários. Seu Ibis precisa continuar. O Reis precisa continuar. A Gutierrez precisa continuar. Os "chupetas" precisam continuar.

Vamos continuar barganhando um terreno da Pozzani com dez do município. Vamos continuar, (quem como eles tiver dinheiro, é claro) comprando o m2 a 5 e vendendo a 100 no setor paisagístico do Distrito Industrial. Vamos continuar não recolhendo o INPS do pessoal do S. Vicente para fazê-lo um dia com correção monetária. Vamos continuar tomando dinheiro emprestado para "torrá-lo" a bel prazer.

As verbas da Merenda Escolar, do Colégio Técnico, da Faculdade de Medicina e das Escolas no ano que vem estarão diminuídas para mais da metade. Vai sobrar por isso mesmo a grana para a comedeira, para a propaganda e etcetera e tal.

Jeeee pum! E o foguetório continua iluminando o céu na recomendação do "Vamos Continuar"...

Quanto mais rojões eu solto
P'ro eleitorado engodar,
Tanto mais eu me revolto
Por tudo ver malograr
Porque o povo que eu tapeava
Já me começa a enxergar

O Reis é fardo pesado
Que não posso carregar
Quanto mais rojões eu solto
Mais percebo o descambar
Porque o povo que era cego
Já começa a me enxergar

Simão

Atacando de asfalto

Ao que se verifica a grande jogada do momento político é o asfalto. Então vamos a ele.

Se houver um cidadão sequer que seja contra o asfaltamento de uma rua, é claro que estará errado. Todos acham muito bom para uma porção de coisas. Contra a poeira, contra a lama e quando não estiver cheio de panelas, ótimo para se dirigir automóvel.

Tudo certinho. Mas há algo mais importante do que asfaltamento de uma rua, bairro ou cidade. É o respeito à bolsa do povo. Sendo certo que é um serviço diretamente pago pelos proprietários, um administrador não pode e não tem o direito de ignorá-los, quando decide ou contrata sobre uma obra dessa natureza.

Explica-se. Quando se pretende executar pavimentação, a primeira coisa a se fazer é abrir uma concorrência pública para se encontrar a empresa com melhor serviço e preço. Agir de maneira diferente, como se faz em Jundiá, é incorreto, injusto e desumano.

Os senhores que nos dão a honra de acompanhar estes comentários podem verificar quando esta administração se dignou abrir concorrência para asfaltamento de ruas. Em todo o período que já vai para quatro anos, somente a do plano viário foi objeto de concorrência. Quer dizer que as ruas que estão sendo pavimentadas são consideradas como integrantes do contrato para execução do plano viário. Não foram objeto de concorrência específica que traria a possibilidade de preços mais baixos.

Atente-se bem para este ponto e procurem saber como se faz em outras cidades, incluindo a Capital. Cada serviço é objeto de concorrência. Cada bairro, às vezes trechos. O próprio termo indica a sua necessidade. A concorrência faz baixar o preço. Com um único construtor, eliminando-se a possibilidade de outras firmas se apresentarem, além da prática de uma ilegalidade, prejudica-se o pagante que é o proprietário, na maioria pequeno e de precárias condições.

É preciso acrescentar a isso, que não compreendemos tal teimosia do Prefeito em manter só para uma firma o serviço de pavimentação de toda a cidade, principalmente considerando que essa empresa foi a que apresentou os preços mais altos para esse tipo de serviço.

Quando os contribuintes / forem pagar, e por certo não será antes das eleições, verificarão em quanto foram prejudicados, pois, os preços não resistem comparação com que se paga em outras cidades para a mesma qualidade.

Não precisa ir muito longe para demonstrar mos a barbaridade que isso representará para os jundienses, que terão que pagar mais ou menos 70% a mais do que pagariam se o serviço fosse realizado por outro prefeito.

Não são palavras. Daremos números.

Somente em asfalto nas Avenidas Córrego do Mato e Guapeva a Prefeitura pagou à empresa construtora a quantia superior a Cr\$... 2.000.000,00 a mais do que se fosse executado por outra firma.

Nesse andamento, o asfalto que está sendo executado nas ruas de Jundiá estão com o preço muito mais caro e isso não está sendo explicado nos comícios eleitorais.

Por isso, estamos sugerindo ao Prefeito para que ao recomendar a necessidade de continuar que diga ao povo porque em quatro anos negou-se a procurar como manda a lei, melhores preços par atenuar a carga que está impondo ao povo jundiense.

Nada melhor do que aproveitar as inaugurações e explicar os motivos que determinam trabalhar com a empresa que muito mais caro está cobrando. Dizer também porque prefere não abrir concorrências e pode dar a qualidade do material, porque estamos aqui para conferir.

Virgílio Torricelli

A herança de Ibis.

Os leitores do nosso jornal devem estar perplexos com as sucessivas demonstrações que aqui temos estampado, relativas à administração descamba como uma bola de neve pelo despenhadeiro do endividamento.

Já, a esta altura do tempo, para ninguém mais é novidade o fato de que estamos encalacrados de dívidas até a raiz dos cabelos, sem que a cidade apresente um mínimo de desenvolvimento em qualquer dos setores da atividade municipal no que concerne às obras públicas.

O DAE, que também deve os olhos da cara, não progrediu praticamente um passo a despeito das largas somas que vem gastando nos jornais para alardear ao povo as suas mirabolantes realizações. A água é escassa, onerosa e da pior qualidade.

Na Prefeitura, o sr. Ibis Cruz dedica toda a sua preferência às avenidas Córrego do Mato, 14 de Dezembro e Marginal do Guapéva.

A cidade, porém, totalmente abandonada, continua suja, esburacada, admitindo-se toda sorte de licenciocida-

des tais como rebaixamento de guias, reformas anti-estéticas, etc.

O progresso que o município apresenta é resultante da iniciativa particular, já que, sem nenhuma capacidade criativa, a administração é revel por toda parte.

Para sermos sinceros conosco mesmos temos que convir que a cidade presa do relaxamento e da desídia dá-nos até um pouco de vergonha.

Em nosso último número focalizamos um capítulo comparativo das verbas orçamentárias deste e do próximo exercício. Trata-se de um trabalho de fôlego, com dados absolutos coligidos por técnicos e economistas de nosso corpo redatorial, cujos respectivos resultados, apon-tados às escancaras, então à prova das contestações.

Por ele se vê, neste exercício, que o sr. Ibis Cruz jogou, nas mesmas rubricas, com um montante de Cr\$... 13.126.000,00, enquanto que consignou, para o ano que vem, Cr\$ 2.798.000,00.

Constatamos dessarte, que para 1977, quando as ver-

bas deveriam estar sensivelmente aumentadas no grau de correção monetária e no encarecimento de material e mão-de-obra, ao contrário, caíram assustadoramente.

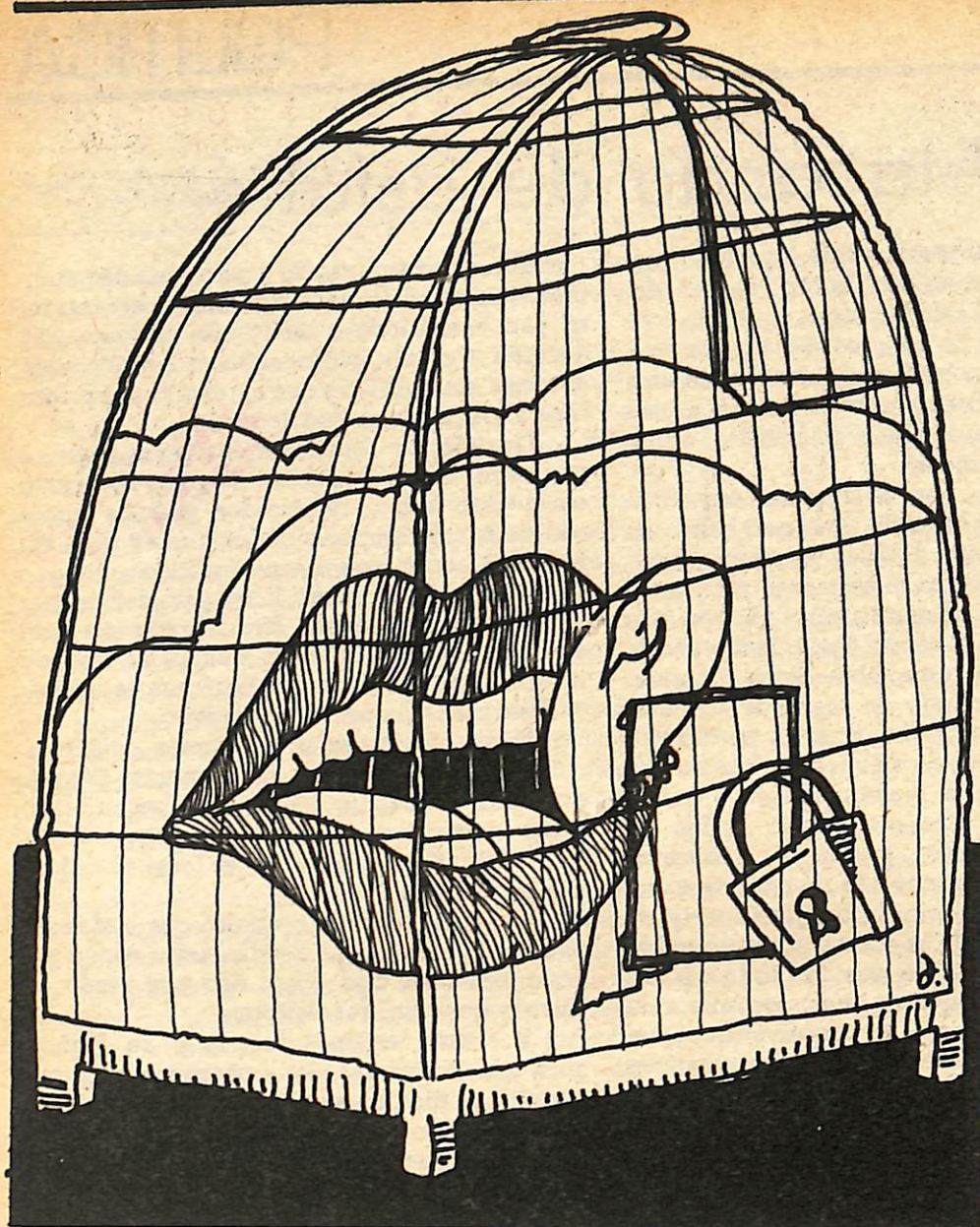
Provocou, como se vê, o prefeito, um retraimento de Cr\$ 10.328.000,00 no orçamento de seu sucessor. Tudo na peça normativa da administração para o ano entrante está estranhamente reduzido. Vai ser um ano de vacas magras a fim de que as finanças se contrabalancem face ao desperdício de dinheiro esbanjado com comedeira, publicidade, filhotismo e outras tantas extravagâncias.

Ociosos é encumpridar estes comentários. O leitor, atilado e rápido no raciocínio, já deve ter conversado consigo mesmo: Ou o sr. Ibis exagerou nos gastos ou, quiçá, busca diabolicamente criar embaraços ao sucessor. Ou, talvez, o que parece mais procedente — as dívidas vão absorver todo o recurso financeiro, sem que pouco ou nada sobre para as obras públicas.

Elcio Vargas

NOVIDADES/
Charme
CALÇADO/
ROSÁRIO.626

XEROX
também
é com o
FOTO
ZEZINHO
ROSÁRIO 523 - FONE 6 3795



"Peço as palavras"

Ouvidos os oradores que o antecederam, chegou sua vez.

"Minhas senhó...", pigarreou, a voz lhe saía em falsete, "Minhas senhoras e meus senhores". E parou aí.

A mão simulou ajeitar o microfone, entreato falho.

A platéia em silêncio. E nada.

Ou melhor, tudo.

Bordão de violões em baixaria, João Bosco na vitrola, instrumentos percutindo na cabeça, estranha magia, ansiedade de sinal fechado ou de horários trocados ou de notas musicais proparoxítonas procuradas na imensidão das oitavas do piano, allegro ma non troppo, lugares comuns do eterno e feminino Chico, lugar bom, seu cavalo de dia, o sol-rei brilhando de repente, fools on the hill.

E a platéia em silêncio e nada.

Ou melhor, tudo.

O rosto, o olhar forte de lua, corpos feito tatuagem, a cicatriz risonha demarcando o limite do direito e do avesso, boca de mato, boca de morte e o cheiro doce da flor.

De novo a mão ajeita o microfone, dissimulando o defeito do orador que vos falará.

A platéia em silêncio e nada.

Ou melhor, tudo.

Pano estampado nos olhos, gesto instantâneo transformando manequim em mulher, o real

melhor que o imaginário, cabelo em lugar de fios de arame, couro claro de neve dos Andes, antropofágicos sentimentos, fome líquida e certa, o céu na boca, o que tinha de ser.

"Minhas senhó...", o orador pigarreou, a voz lhe saía em falsete, "Minhas senhoras e meus senhores".

"Estamos aqui numa jornada cívica, levando nossa mensagem de esperança num futuro melhor para todos..."

A platéia aplaude, um foguete explode no céu.

E no interior estouram minibombas atônitas, distantes que é pra dar coragem, sangue de boi servido em copos sobre a pedra fria do bar, altar dos crentes da mesma dor, um gole pras almas, um gole pra alma, lama barroca feita à imagem e semelhança, misto de frio no céu da boca seca, regime de exceção...

"... para que haja justiça social..."

"... jornada particular em que o sangue não jorra senão nas veias das temporadas, latejando, latindo, latino..."

"... neste terceiro mundo..."

"... o quarto, apartamento azul, casa vazia..."

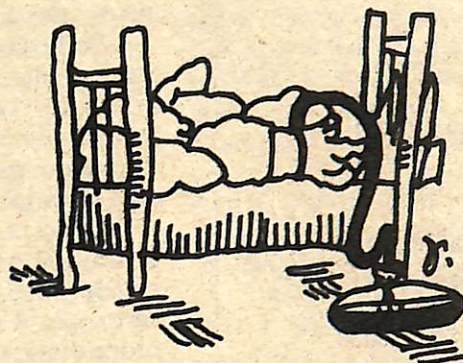
"... onde há de brilhar o sol..."

... bom dia!

Erazé Martinho

Interino

Falta uma semana para as eleições.



O candidato a vereador em São José dos Campos, Vicente Sciamarella (Arena), também resolveu apelar para a imaginação criadora. Mandou imprimir folhetos com uma caricatura onde ele aparece tirando sangue; ao lado da caricatura, os seguintes dizeres:

"No dia 15 de novembro não vamos esquecer do maior doador de sangue do Brasil: Vicente Sciamarella. Ele nunca recebeu qualquer remuneração por este ato. Ao contrário de muitos dráculas da nossa política, ele é feliz por salvar vidas doando seu sangue ao povo!"

Nos Estados Unidos o negócio é mais sofisticado. Jimmy Carter soube atrair as camadas mais jovens da população ao conseguir como cabos eleitorais nomes de Robert Redford, Warren Beaty, Woody Allen e Gregg Allman (cantor de rock). Enquanto isso, Ford contra-atacou com Pat Boone, Al Hirt (trumpetista do velho filme "O Candelabro Italiano"), Bob Hope e John Wayne. Não, não é verdade que o candidato republicano tinha como slogan qualquer coisa parecida com "a volta aos anos cinquenta".

Desde o dia 31 de outubro, domingo, está proibida a divulgação, de qualquer forma, de resultados de prévias eleitorais. Também nenhum candidato poderá ser detido ou preso, a não ser no caso de flagrante delito.

Já está circulando por todo o país o folheto da Arena intitulado "O Brasil vai bem... e você? Um trecho: "Você é o poder. Porque é você quem paga o desenvolvimento. Qualquer palmo de progresso sai de seu bolso".

O radialista carioca Edson Santana não conseguiu se candidatar a vereador — seu registro foi impugnado pela Arena. Só lhe resta competir em outra eleição, e nesta ele tem muitas esperanças: vai disputar o cargo de Rei Momo no Rio de Janeiro, em data a ser marcada.

De Jean Oulif, do Le Monde:

"As sondagens, mais precisamente os inquéritos sobre a opinião das pessoas, não têm bom conceito: alguns políticos, alguns jornalistas as julgam nefastas e desejam vê-las consideravelmente contidas, ou mesmo suprimidas. Para a televisão, as sondagens seriam geradoras de medíocre demagogia, aniquilando os esforços de qualidade, de criatividade. Paradoxalmente, o momento em que as sondagens são criticadas também é aquele em que elas se multiplicam e invadem múltiplas esferas de atividade".

Deu no Jornal do Brasil:

"Nesta eleição o empresário paulista vota na Arena. Em 1974 votou no MDB e em 1978 votará em quem bem entender".



ESTÚDIO NIEPCE

REVELAÇÕES
REPORTAGENS
POSTERS

"cores e pb"

CURSO DE FOTOGRAFIA e
FOTO CLUBE

rua benjamim constant, 216
fone 436-6620

jundiaí - sp



Perdi o santo.

Abobalhado; perdido. É assim que se sente o homem da roça que se exodou. Já disse que deve existir o verbo exodar? Pois disse. E aquele simplório da roça tava'li no largo dos Remédios (hoje este largo é uma parte da praça João Mendes) de boca aberta, até assustado com o que via. Bondes, verdadeiros dragões de ferro, automóveis e jardineiras, cada um mais bonito que o outro. Tudo roncando. Pegou o "Vila Mariana", duzentos réis, e lá foi em busca de seu destino.

— Ponto finale! gritou o condutor. O bonde tinha feito o balão e parado em frente ao colégio Anglo-Latino.

— Ond'ê a igreja da Saúde?
— É aquel'alí na rua Domingos de Moraes. Foi lá. Sacristia. Claustro. Por fim o enorme frei Julião para quem trazia a carta do padre Damião.

Os padres se entendem. Maçonaria? Parece. Acho qu'eles têm um sinal. O certo é que lida a carta, relida e treslada, veio a informação:

— Desça por esse trilho que sai de frente da igreja, desvie da chácara de verduras e tome pela rua abaixo: o primeiro terreno que você encontrar com a placa "Propriedade Municipal" tome conta dele e bico...

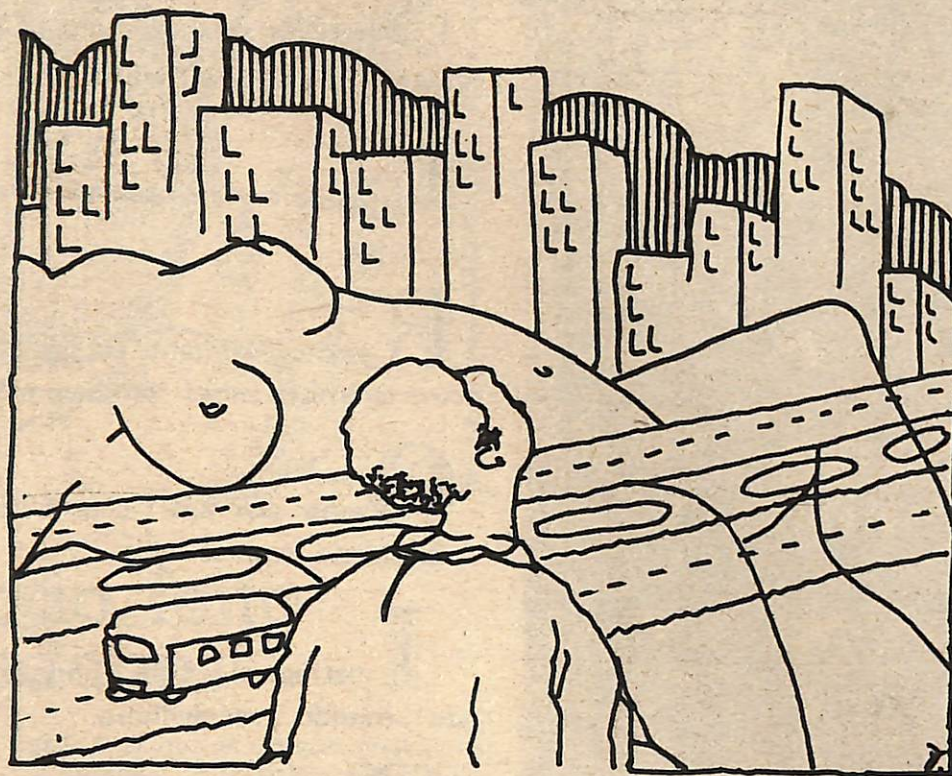
— Bico? que bico?
— Bico calado. Com o tempo o terreno vai ser seu.

— Que vô fazê co terreno?
— Ora, construa o seu barraco... Você tem família?

— Tenho...
— Então.

Era pra fazer o qu'ele mandasse. Fez. O primeiro terreno que encontrou assim um lugar todo arruado, pouquíssimas casas — foi na esquina da rua José Magalhães com Borges Lagoa. Nem bem chegado, tomou o facão qu'estava na sua trouxa e foi cortar esteios pra fazer uma choupana. Campeia daqui, campeia dali, no campo ercado de barba-de-bode, cambará-candeia e guabiroba — tinha também uns pés de cambuci, árvore mais linda, judiação trelê com ela — encontrou uns pés de guatambú. Fez os esteios e telhado de sapé de uma água só. No fim do dia resolveu comer o seu virado c'o frango assado. Água? Nem pra remédio.

Como poderia fazer um poço sozinho? E barrotear o cômodo já pronto, com o esquadramento de taquari já traçado, sapapear o barro sem aparador, que jeito? O remédio era ir buscar Raquel e o resto dos trens.



Nem lembro como fizeram a tal mudança. Tenho uma vaga idéia de onde Faustão — já disse qu'este era o nome do tal? — descobriu a existência do tal bonde de carga, que levava de cambulhada os passageiros e suas tralhas e do seu espanto e mais o espanto de Raquel com o linguajar daquela gente estranha. Era o chamado, "carro dos verdureiros"; avenida São João, rua Líbero, Largo de São Francisco e dali em diante seguia o rumo do bonde linha 47, o Vila Clementino. E Raquel assustada:

— Vortemo Fautão...
— Que vortemo o quê! É prá fren-te...

Alguém gritou lá do fim:
— O seu Domingos... quere paraire na cancelita, faz favoire?

O bonde de carga, e dos verdureiros, não tinha parada fixa. Era em qualquer lugar para facilitar a descarga das coisas.

Coisa rara, seu Domingos era mulato, acho qu'era o único na Light. Motorneiros e condutores eram sempre brancos e portugueses. Especialistas em roubar a "canadense".

Passaram em frente ao "Biológico" em construção, início da linha expressa "Santo Amaro" e pararam

no desvio da linha do "corenta e sete" onde o motorneiro dava o sinal de entrada na linha singela. Passaram pelo tendal, bando mais enorme de corvos nunca se tinha visto pula-pulando no chão, e então era a parada de Faustão. Rua Bacelar. Faustão, tímido ia gaguejando...

— Mecê qué pará...
... quando alguém berrou:
— O Domingos, vou desceire!
O carro parou e assim Faustão, e mais Raquel e o filho de um ano, chegaram à Vila Clementino.

Trabalharam o dia todo, construindo as paredes de sopapo. De tarde estavam qu'era barro só.

— Raqué, lá embaixo tem um ribirão. Bamo tomá banho? E nós trais água?

Prá fazer o barro tinham usado água de um poço a quatro quadras dali.

E foram para o ribirão. Ela, fingindo certo resguardo, não queria tirar a roupa. Toda não, que tirando o vestido comprido, tinha tirado tudo, qu'ela não conhecia essas lordezas de calças e porta-seios.

— Boba, num tem ninguém...
— Tem ocê...
— E eu, sô gente?

Sob a ponte, desnudaram-se. Pinchavam água um no outro. Sabão de cinza. Ela esfregou as costas dele; e ele a dela. Esfregou de manso, foi passando a mão, corpo liso dela gostoso no liso dele... De repente ela compreendeu. E choramingou desejosa:

— Ah, Faustão, agora não...
— Ah, Faustão, agora...
— Ah, Faustão...
— Aaaaah!...

Éta rolação mais gostosa ali na grama-seda. Depois, aquela quebradeira gostosura tão grande... Daí alguns dias eles saberiam que dentro de nove meses nasceria mais um paulistano, filho do êxodo rural.

Os dias que se seguiram foram de trabalhadeira para vencer a enormidade de coisas imediatas. O fogão, o poço, uns canteiros de as coisas. A privada continuou sendo a touceira de taquara-póca, que se transformou em eterno congresso de moscas e varejeiras azuis.

Bem depressa Faustão foi aprendendo coisas: que comida custava caro que não havia serviço, qu'ele não era operário, era biscateiro, que quando se trabalhava mal dava pra comida, que chegava gente todo dia estrangeiros aos montes. Um dia ao chegar em casa, encontrou novidades:

— Faustão, chegô um estrangeiro aí no terreno vizinho, viero conversa cumigo, num entendi nada...

— Intaliano?
Prá gente da roça qualquer estrangeiro era "intaliano". Mas por coincidência aqueles eram "intalianos" mesmo.

— Viero cherá o quê aqui...
— Ué, num entendi...

Não demorou, apareceu o tal vizinho...

— E, signore...
Faustão, saiu. Não entendeu. Por vias das dúvidas murmurou tímido.

— Tchegue... as'orde...
Não se entenderam. O estranha era moço que nem o Faustão. Com o polegar da mão direita, os outros quatro dedos fechados, apontou para o próprio peito:

— Mio nome, Giuseppe Nicoló...
— Ara veja seu Nicolau... eu sô Faustão...

— Comme?
— Cumida? Pôca. Quaje nada, na dica...

— Per Dio Santo, che confusione.
— Coitado! Perdeu?

Este brilhante diálogo marcou o encontro de dois aventureiros na Terra de Ninguém.

ESTRUTURAS METÁLICAS
PROJETO - EXECUÇÃO - MONTAGEM
Plataformas — Estruturas Leves e Pesadas
"Shed - Duas Águas - Arcos"

Zomignani & Cia. Ltda.

Z

ESCRITÓRIO JUNDIAÍ:
PRAÇA GOVERNADOR PEDRO DE TOLEDO, 24
CAIXA POSTAL, 801 — FONE, 6-5441

SUPERMERCADO
ELIAS

**ONDE VOCÊ FAZ
MAIS ECONOMIA**

R. BOM JESUS DE PIRAPORA 2757-63 FONE: 4-1775
ESTACIONAMENTO PRÓPRIO



SÉRGIO BOCCHINO

Sua vida, apesar de agitada, não impede o curso natural de seu brilho,

É ainda o mais badalado: é notícia e sempre será.

Reside atualmente em São Paulo, continua seu trabalho como colunista social junto com Tavares de Miranda.

Ganha por seu "charm" inigualável, pela sua classe e afinidade com o belo.

Ilatingível pela posição assumida dentro de seu mundo maravilhoso.

Onde quer que esteja, sua presença é sempre notada e sua pessoa, querida por todos. /Mink

OS BONS IMÓVEIS ESTÃO AQUI

CASAS

Bela Vista — Nova, fase de acabamento, 3 dormitórios, abrigo, copa-cozinha, tres banheiros, quintal. Oferta Vilar.

Parque do Colégio — Mansão nova, com abrigo para 2 carros, living com armário e mais um banheiro, copa-cozinha, área de serviço, dependência para empregada, aquecedor central, etc. Pode ser financiada. Oferta Vilar.

Rangel Pestana — Térrea, sala em "L", lavabo, jardim de inverno, 3 dormitórios com armários, 2 banheiros sociais, garagem lavanderia, dependência de empregada. Cr\$ 1.300.000,00. Oferta Central de Imóveis.

Anhangabau — Térrea, dois dormitórios, abrigo, copa-cozinha, quintal. Oferta Vilar.

Anhangabau — Fina residência, sala, 3 dormitórios com armários, uma suite, garagem, copa-cozinha, banheiro, salão de festas, dependência para empregada, ótimo acabamento. Cr\$ 700.000,00. Oferta Central de Imóveis.

J. Messina — Fina residência, sala L, 3 dormitórios com armários, uma suite, garagem, copa-cozinha, ba-

nheiro, dependência para empregada, fino acabamento. Oferta: Ribeiro

Vila Arens — Térrea, 3 dormitórios, sala de jantar, living, copa-cozinha, 3 banheiros, dependência para empregada, ótimo acabamento. Cr\$ 700.000,00. Oferta: Ribeiro

Parque do Colégio — Jardim frontal, sala, 3 dormitórios com suite e closet, lavabo, copa-cozinha, banheiro social, lavanderia, dependência para empregada, garagem para seis carros. Cr\$ 800.000,00. Oferta Central de Imóveis

Rua Pirapora — Casa térrea, cozinha e banheiro. Ótima localização. Preço: Cr\$..... 250.000,00 à vista. Ver e tratar à rua Pirapora, 214, (ao lado do Anchieta) na parte da manhã.

SÍTIOS E CHÁCARAS

Medeiros — chácara maravilhosa, com 44.000 m2, totalmente plana, 2 casas sede novas, casa boa para caseiro, salão de festas, pomar, a 500 metros do asfalto. Ocasão. Oferta: Ribeiro.

Caxambú — Linda chácara, com 1 alqueire formada, casa

sede nova, casa de caseiro, corrego, bosque natural, pomar, etc...Oferta: Ribeiro

Corrupira — excelente chácara, 1 alqueire, excelente casa nova, casa de caseiro, 10.000 m2 de gramado, 2 lagos, corrego, pomar a 200 metros do asfalto. Oferta Ribeiro.

Nova Era — chácara maravilhosa, 2,5 alqueires, excelente vivenda, sala ambientes, 3 amplos dormitórios, 2 banheiros, garagem, piscina com filtro, 20.000 m2 de gramado, pomar, dois lindos lagos, fino trato, casa de caseiro. Cr\$... 2.500.000,00 (1.230) Oferta Central de Imóveis

Malota — magnífica chácara, 5.000 m2, entrada majestosa, vivenda estilo "clássico", três dormitórios, 1 suite vestíbulo duas amplas salas, lareira, cozinha moderna e funcional, banheiro, tudo com armários embutidos, carpete, dependência para empregada. Cr\$... 1.800.000,00 (977). Oferta Central de Imóveis.

ÁREAS E TERRENOS

Rio Acima — Duas com áreas de 40.000 e 84.000 m2. A primeira só com

mata e água corrente, a segunda com mata, 2 corregos, casa simples, pomar e uvas. Lugar recreativo e pitoresco. Distância de Junho 4 km. Ocasão. Oferta: Ribeiro.

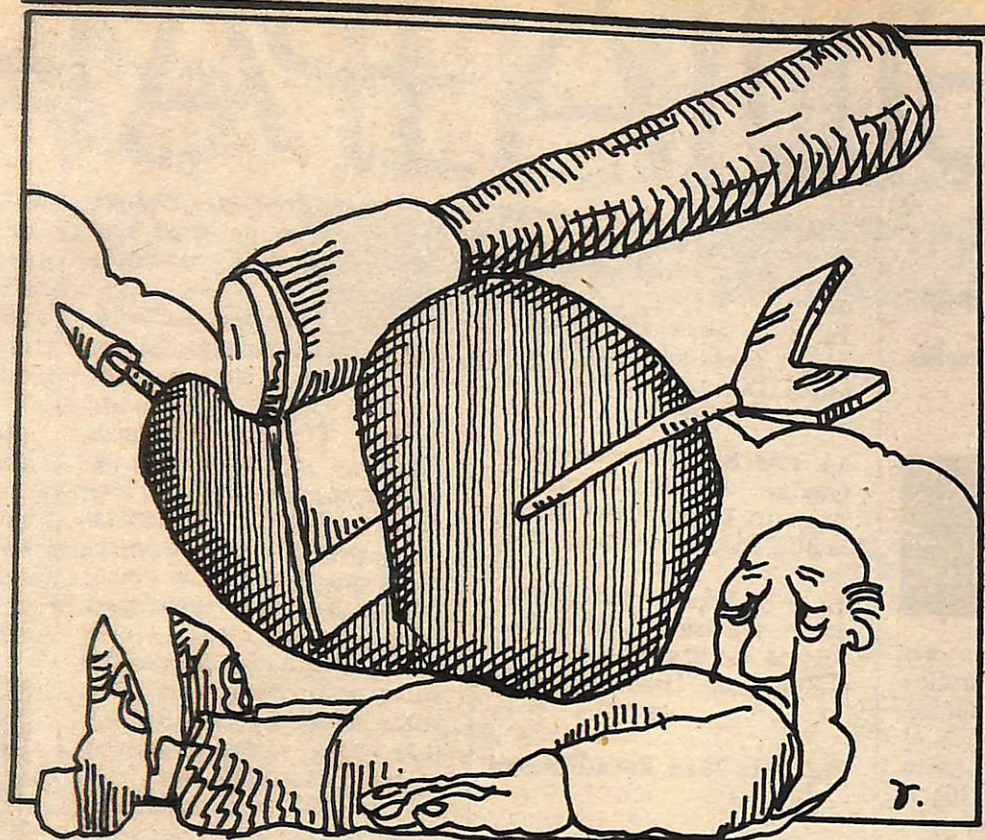
Área — Bem localizada, 168 m2. Oferta Vilar.

OS BONS CORRETORES ESTÃO AQUI

VILLAR IMÓVEIS
Praça Rui Barbosa, 60
Fones 434-0111 — 434-0222

RIBEIRO IMÓVEIS
administração e vendas
rua Mal. Deodoro da Fonseca, 479
tel. 6-6388

CENTRAL DE IMÓVEIS
Rua Barão de Jundiá, 1080
Fone 434-3311



O coração feito em pedaços

Ah, ingrata, depois que colhestes todas as flores do meu espírito, depois que ilustrastes meus sonhos e meus devaneios, pisas sobre o meu coração, com o teu caráter volátil. La donna é mobile, qual piumma al vento, ó safada, como disse o autor do libreto daquela ópera.

E as juras de amor que trocamos? Esqueceste-as? Como é possível que teu coração, que agora se revela duro e insensível tenha apagado para sempre os traços (e eu, que os julgava indelével) de nossa arrebatadora paixão?

Não te lembras mais das carícias e das juras que trocamos naquela remota ilhota grega, aquela onde tu, jocosa, quiseste pastorear as cabras do velho Papanatopotoulou? Apagaste da tua memória as chuvas que apanhamos juntos em Ranchipur, escondidos e abraçados sob os remotos plátanos do lugar? E os nossos passeios pelas pontes do Toko Ri? E as nossas pescarias ao sul de Sumatra? E os nossos idílios em Casablanca? Hein? Hein?

Esqueceste também as nossas andanças furtivas pelos hotelecos suspeitos de Saint Tropez, a escapar da senha dos paparazzi de toda a Europa? E os nossos delírios eróticos pelas vielas da Sardenha? E as noites que passamos juntos a contemplar a Ursa Maior, a Ursa Menor, o cometa Kohoutek e os discos voadores, incógnitos, sob o céu de Bratislávia?

Não, não posso perdoar-te.

Qual Dante para sua Beatriz, uma vez prometi que colocaria em versos candentes todo o calor da minha pai-

xão. E eis que de repente, quando eu já rabiscava os primeiros esboços do meu épico passionário me chega a notícia da tua vil traição. Rasguei em mil pedacinhos a folha de papel onde eu extravasaria os meus sentimentos, meti-os num envelope, e deitei-os ao mar, o eterno mar diante do qual, em Alexandria do Egito jurastes que viverias só para mim. Ele que foi o berço, agora será o túmulo do nosso amor.

Farisáica! (faraseia? farisea?) Torpe! Sanguessuga! Estas são as únicas palavras que o meu coração ferido encontra para expressar todo o amargor que vai pela minha alma.

Mas há de te arrepender, há de hás!

Ramos de magnólia para minha Scarlett O'Hara? Nunca mais! Tâmaras da Tunísia? Uvas do Piemonte? Sorvetes de pistache? Rosas do Transvaal? Ah, perde a esperança! Nunca mais!

Tenho o coração feito em pedaços, sim, como fez aquele velho tango, mas eu haverei de me reerguer das minhas próprias cinzas, estas cinzas que tu agora pisas com desprezo, e ainda haverás de curvar-te aos meus pés, para implorar-me por outras doces noites na Via Veneto!

Agora me diz uma coisa, minha pequena fútil, canalha princesa monégasca. Diz de uma vez por todas, cruel Caroline: o que é que o Chiquinho Scarpa tem que eu não tenho?

Sandro Vaia



RELOGIOS DE PONTO
ROD-BEL

REVENDEDOR AUTORIZADO
COMERCIAL PANIZZA
LTDA

BARAO-427 FONE-6.8231

Ao falar, recentemente, na Associação dos Advogados de São Paulo (que promovia um ciclo de debates sobre problemas penitenciários), o prof. Manoel Pedro Pimentel — secretário da Justiça — referiu-se de forma bastante crítica à sociedade de consumo, apontando-a como grande causadora de fatores criminógenos.

Pimentel disse que certos apelos publicitários estimulam a ilusão e o sonho, mas causam grandes frustrações, pois — como exemplificou — certos anúncios "não são dirigidos a quem ganha menos de 10 mil cruzeiros mensais..."

Ouriçados, muitos senhores de grande ânimo no anular ouviram essa explanação comentadíssima entre aqueles que transitam entre as lides do Direito.

Victor C. Ferkiss, citado por J. Pereira em "Violência, uma análise do homem brutal", afirmou: o homem não só é escravo do processo de trabalho ou de seus produtos, não só perdeu qualquer possibilidade de liberdade e de auto-identidade, como operário ou consumidor, mas também toda a cultura está sendo destruída ao ser dissolvida numa indiferenciada cultura de massa.

J. Pereira, criminólogo paulista, concorda com Ferkiss: "na sociedade de consumo em que vivemos — demonstram-nos os estudos criminológicos — são incontáveis os estímulos à criminalidade, vale dizer à violência". Segundo observa Pereira, "o ser humano vive sob um constante bombardeio de propaganda, de todo tipo, espicaçando-lhe os sentidos, acentuando-lhe os desejos, criando ilusões e, com isso, exercendo pressões intensas cujas consequências, basicamente, são econômicas".

Pessoalmente, faço restrições a esse tipo de análise, que aponta os meios de propaganda massiva como fatores de certos estímulos que conduzem à delinquência. Concordar com isso, seria concordar — acredito — que a sociedade não estaria dividida em criminosos e não criminosos, mas que todos seriam criminosos em potencial. Aliás, alguns estudiosos pensam assim.

De fato, eu seria muito feliz se tivesse um iate com todos os requintes de conforto, para passear pelas límpidas águas da Grécia, de quando em vez pela Espanha e, se muita pressa tivesse, apanhar meu jato puro particular e ir para qualquer parte do mundo, não tenho iate nem avião, mas vejo isso em filmes ou nas colunas do society. Nem por isso fui conduzido por esses estímulos ao crime, para satisfazer meus sonhos e ilusões.

Mas, voltando ao secretário da Justiça, é bom observar que nos Estados Unidos, onde mais se intensificou a sociedade de consumo, existem órgãos controladores para proteger (?) a população contra os fabricantes de desejos. Oficialmente, o governo possui a Federal Trade Commission; em caráter particular, existe a Consumers Union. Finalidade principal desses órgãos: esclarecer a população sobre as reais ou falsas qualidades de alguns produtos anunciados. Na análise de J. Pereira, os apelos da sociedade de consumo são muito fortes. Ele apon-

ta, também, como um dos fatores que levam o homem à delinquência o sistema de crédito. Argumenta: "todos têm crédito como princípio geral. Basta ter a carteira de trabalho, diz com insistência a propaganda. E o estímulo prossegue: 'compre hoje e comece a pagar somente daqui a seis meses'".

De qualquer forma, são pontos para serem analisados, pesquisados, muito bem estudados. Pode ser, até, que eu esteja muito enganado na tese que defendo — isentando os meios de comunicação de qualquer responsabilidade nesse sentido, de forma que — radical e enfaticamente — muitos os apontam como bode expiatório de todos os males do mundo.

Mas trata-se de uma definição que precisa ser alicerçada em bases rigorosamente científicas. Nada de prevenções, preconceitos, suposições, elocubrações, referências mitológicas. Dizer "eu acho que..." num caso desses em nada ajuda a esclarecer a questão. E os fatos, rigorosamente verdadeiros, não apontam os meios de comunicação como responsáveis por nada. Divulgam muita violência, como bradam algumas antas? Sim, queridas antas, divulgam muita violência — mas exatamente a violência que a sociedade produz!

Enfim, como disse, eis um bom tema para ser estudado. Mas com base em fatos, sem nenhum conceito preconcebido.

II

Francisco Costa Rocha, o esquartejador, deverá passar o resto de seus dias no Manicômio Judiciário. Lá, morreu há pouco tempo Benedito Moreira de Carvalho. Para muitos, um nome que nada significa. Para muitos, também, uma volta à década de 50, quando Benedito estuprou e estrangulou mais de dez meninas nisseis. Psicótico crônico, Benedito teve um excelente comportamento no Manicômio — da mesma forma que aquele engenheiro que, há mais de 15 anos, matou no altar da Igreja, no dia do casamento, a moça que amava.

O caso do esquartejador, por muitos chamado apenas de Chico Picadinho, numa evidente demonstração de insensibilidade moral e falta de respeito humano — a ele, criminoso, e às mulheres, suas vítimas — serviu como grande advertência. Mas vejamos o que se chama por aí de status quo: Manicômio Judiciário, hoje 1.200 pacientes e seis psiquiatras; Casa de Detenção, 6.300 presos e um psiquiatra...

Como indagaria, perplexo, José Tononi, em uma carta à "São Paulo Pergunta", no Jornal da Tarde: em que lugar se pratica a solidariedade humana? O código diz que eu não posso matar; a lei me proíbe de roubar e caluniar; o estatuto da sociedade me obriga a amparar a família, a encaminhar os filhos aos estudos, para a formação de sua educação. Por que a falta de uma temática para disciplinar, inflamar e projetar o calor humano, no sentido de que eu me veja obrigado a ajudar o meu próximo necessitado?

Percival de Souza

SEU GUIA PARA

No dia 15 de novembro, segunda-feira, os 91.494 eleitores de Jundiá escolhem prefeito, vice-prefeito, e os 17 vereadores que irão formar a futura Câmara Municipal. Eles serão empossados no dia 2 de fevereiro de 1977.

São seis os candidatos a prefeito: pela Arena, o médico Arnaldo Martins dos Reis, apoiado pelo atual prefeito; o funcionário público Pedro Fávaro, que já exerceu o mandato de prefeito de 1965 a 1969; o médico Rubens de Luca; pelo MDB, o médico Cid Faria Ognibene, o corretor de imóveis e agente de turismo Abdoral Lins de Alencar e o publicitário Erázê Martinho.

A Arena concorre com 49 candidatos a vereador, e o MDB com 41. (A atual Câmara é composta de 13 vereadores da Arena e 4 do MDB).

A CAMPANHA

A campanha política, restringida por determinações severas da Lei Falcão, está sendo feita na base de contatos pessoais dos candidatos com grupos de eleitores em casas particulares, associações, clubes e alguns comícios em bairros. Ao contrário de antigas campanhas eleitorais, não foram realizados grandes comícios no centro da cidade. Só um comício foi realizado na praça central, com os três candidatos a prefeito pelo MDB e a presença do senador Orestes Quêrcia, e alguns deputados estaduais do partido.

No começo da campanha, muitos cartazes de propaganda foram espalhados pelas paredes dos estabelecimentos comerciais da cidade, apregoando as virtudes dos candidatos. Mas quando um deles, Rubens de Luca, fez uso de grandes painéis de propaganda espalhados em pontos estratégicos da cidade, foi acusado de violar a lei eleitoral, que não permite esse tipo de propaganda. Em consequência, o juiz determinou a retirada dos painéis, bem como de toda espécie de propaganda não permitida pela lei eleitoral, inclusive a do candidato que fez a denúncia, e que também estava transgredindo a lei. Nas praças públicas da cidade, que à exceção da Praça da Bandeira são locais onde a propaganda pode ser feita, não apareceram cartazes ou painéis. A empresa concessionária dos serviços de limpeza pública da cidade foi designada pela Prefeitura para retirar todos os cartazes de propaganda localizados em lugares proibidos.

Os horários gratuitos de rádio, onde só é permitido dizer o nome do candidato, sigla do partido e currículo, até agora têm sido utilizados apenas pelo MDB, e não há nenhuma pesquisa sobre os índices de audiência, mesmo porque não têm despertado o menor interesse do eleitorado.

Essas restrições à propaganda eleitoral têm sido criticadas por muitos candidatos dos dois partidos, e têm deixado grande parte do eleitorado em dificuldades para escolher.

Um levantamento realizado pelo Jornal de 2a-Feira com populares, a respeito das eleições e dos candidatos, mostrou uma grande incidência de respostas deste tipo:

"vou votar em fulano porque é moço"; "com essa propaganda eleitoral está muito difícil saber quem é quem"; "voto em fulano porque ele é pai de um colega meu"; "talvez vote em branco porque essa propaganda não dá para conhecer ninguém"; "voto em fulano porque é amigo de meu genro"; "eu gosto de (...) porque ele conversa sobre assuntos da cidade e de futebol"; "a propaganda na TV é chata e só toma tempo de filme bacana"; "vou votar em (...) porque ele me deu uma colher-de-chá em 74".

Se você é um dos 91.474 eleitores que votarão no dia 15 de novembro em Jundiá, guarde este guia. Ele tem todas as informações indispensáveis a quem vai votar.

ONDE VOTAR

Dê uma olhada no seu título. Neles estão marcados o distrito eleitoral (município) e o número da seção. O distrito está indicado na parte superior, ao lado da fotografia. A seção, na antepenúltima linha, acima da assinatura do eleitor. Caso seu título seja perdido ou extraviado, você poderá votar apresentando um documento de identidade, desde que você saiba qual a sua seção. E a sua folha de votação, presente na pasta, em poder da Mesa, lhe dará o direito ao voto.

Mas — avisa a Justiça Eleitoral — na hipótese (rara) de faltar a folha, deverá o eleitor ir ao Cartório Eleitoral para saber o que ocorre. (Endereço: **Forum de Jundiá**).

Sabendo seu distrito eleitoral e o número de sua seção, verifique abaixo o endereço de ambos. A votação começa às 8 horas e termina às 17. Quem estiver na fila até essa hora receberá uma senha, com todos os outros eleitores. Não tente votar em outra seção: isso é proibido por lei, mas permitido aos mesários, fiscais de partidos e autoridades. Nas filas de votação, doentes, velhos e mulheres grávidas terão preferência, conforme prevê o parágrafo 2.º, artigo 142 do Código Eleitoral: "Observada a prioridade assegurada aos candidatos, têm preferência para votar o juiz eleitoral da zona, seus auxiliares de serviço, os eleitores de idade avançada, os enfermos e as mulheres grávidas."

Juízo da 65a. Zona Eleitoral

(Esclarecimento: a 1a. seção do Centro, Vila Hortolândia ou Rio Branco, por exemplo, terá o nome desses bairros mencionados no título)

1a. a 10a. seções — Grupo Escolar Conde de Parnaíba (rua Barão de Jundiá, 1106)

11a. a 40a. — Centro Educacional do Vianelo (rua 23 de Maio, s/n.o.)

41a. a 60a. — Escolas Padre Anchieta (rua Pirapora, 100)

61a. a 80a. — Faculdades Padre Anchieta (rua Marcílio Dias, 396)

81a. a 103a. e mais 1a. e 6a. seção-Anhangabaú — Instituto de Educação Jundiá (rua do Retiro, 680)

1a. a 7a. Seção-Centro — Ginásio Estadual Lázaro Miranda Duarte (rua Barão de Jundiá, 1106)

1a. a 5a. Seção-Hortolândia — Ginásio Estadual Professor Adoniro Ladeira (rua Dr. Benedito de Godoy Ferraz, 450)

1a. a 7a. Seção-Vila Rio Branco — Ginásio Estadual Professora Cecília Rolemberg P. Guelli (rua Tiradentes, 100)

Juízo da 281a. Zona Eleitoral

104a. a 121a. Seção, 1a, 2a., 3a., 4a., 5a., 6a., 7a., 8a., e 9a. seções — Distrito Ponte São João — Colégio Estadual de 1.º Grau Pedro de Oliveira (rua Dino, 151)

122a. a 138a. — Escola Estadual de 2.º Grau Ana Pinto Duarte Pes (rua Carlos Gomes, 760)

139a. a 148a. — Ginásio Rosa (rua Senador Fonseca, 1182, Centro)

149a. a 157a. — Ginásio Rosa (rua do Rosário, 667).

158a. a 165a. e 1a., 2a., 3a., 4a., 5a., e 6a. seções, Distrito Rami — Ginásio Estadual de 1.º Grau Francisco Napoleão Maia (rua Francisco de Sales, s/n, Vila Rami).

166a. a 173a. e 1a., 2a., e 3a., seções — Distrito Japi — Colégio São Vicente de Paula (av. Dr. Sebastião Mendes Silva, 706, Anhangabaú).

174a. a 186a. e 1a., 2a., 3a., 4a., e 5a., seções-Distrito Progresso — Colégio Estadual Dr. José Romeiro Pereira (rua Anita Garibaldi, 220, Vila Progresso).

187a. a 205a. seções e 1a., 2a., 3a., 4a., 5a., e 6a., seções-Distrito da Agapeama — Grupo Escolar Paulo Mendes Silva (avenida Fernando Arens, 830, Vila Progresso).

COMO VOTAR

No local da votação, depois de ficar comprovado que seu nome pertence à seção, seu título será examinado pelo membros da mesa ou pelos fiscais credenciados. Depois, o presidente da mesa vai convidá-lo a assinar a folha individual de votação, entregando-lhe em seguida a cédula oficial (veja acima), rubricada pelos membros da mesa. Dirija-se, então, à cabine e vote assim:

Para Prefeito: marque apenas um x no quadrinho correspondente ao candidato escolhido.

Para Vereador: escreva o nome ou o número do seu candidato e as iniciais ou sigla do partido (MDB ou Arena). O voto será mais prático e rápido se feito pelo número do candidato (você pode votar num candidato a prefeito de um partido e a vereador de outro, porque são dois votos para cargos diversos, tendo o eleitor a liberdade de escolha entre os partidos; você pode votar só na legenda do partido, para vereador, mas o mesmo não pode ser feito em relação aos candidatos a prefeito; se você votar só na sigla do partido, para prefeito o voto será considerado nulo) Depois de preenchida a

cédula de voto, dobre-a de modo a não ficar visíveis as explicações e o nome do candidato. Coloque-a na urna e receba o comprovante de votação. Verifique se o título está rubricado pelo presidente da mesa.

VO EM BR

De certa em branco pois:

COMO JUSTIFICAR

O eleitor que estiver fora do seu distrito no dia da votação deverá ir até o Correio, com os dados contidos em

seu título, anexo ao formulário, preencher as partes essenciais e guardar a sua cópia.

(RES Nº 10.054 MOD 1) 1ª VIA

Exmo. Sr. Juiz Eleitoral
NOME COMPLETO E LEGÍVEL: _____

eleitor inscrito nessa zona, de acordo com as indicações abaixo, se estiver afastado de seu domicílio eleitoral, requer justificação nos termos da Lei nº 6091/74, pela falta à eleição realizada nesta data.

| COPIAR OS DADOS DO TÍTULO | | | |
|---------------------------|------------|-------------|-----------------------|
| Nº DO TÍTULO | Nº DA ZONA | Nº DA SEÇÃO | DISTRITO OU MUNICÍPIO |
| | | | |

SÓ PREENCHER SE NÃO ESTIVER COM O TÍTULO

FILIAÇÃO: Pai: _____ Mãe: _____

Em _____

ASSINATURA DO ELEITOR: _____

INSTRUÇÕES PARA O ELEITOR:

- 1 - Preencha a máquina ou com letra de imprensa, as duas vias, em qualquer Agência dos Correios no dia da eleição.
- 2 - A Agência dos Correios expedirá o Aerograma e aplicará carimbo de 2ª via, que lhe será devolvida.
- 3 - Durante 6 meses, a contar da data da eleição, se precisar providenciar a Justiça Eleitoral, apresente a via carimbada pela ECT. No dia da eleição, dirija-se ao Juiz da sua Zona Eleitoral, para que o seu título seja rubricado. Se não vai voltar a residir na Zona Eleitoral de que era eleitor, ou se não vai voltar a cidade em que está morando, o novo título, rubricado posteriormente à última eleição, provará a sua quitação com a Justiça Eleitoral.
- 4 - Depois de 6 meses, a quitação somente será provada através da apresentação do título eleitoral ou de comprovante fornecido pelo Juiz Eleitoral.

(RES Nº 10.054 MOD 1) 2ª VIA

Exmo. Sr. Juiz Eleitoral
NOME COMPLETO E LEGÍVEL: _____

eleitor inscrito nessa Zona, de acordo com as indicações abaixo, encontrando-se afastado de seu domicílio eleitoral, requer justificação nos termos do art. 16 da Lei nº 6091/74, pela falta à eleição realizada nesta data.

| COPIAR OS DADOS DO TÍTULO | | | |
|---------------------------|------------|-------------|-----------------------|
| Nº DO TÍTULO | Nº DA ZONA | Nº DA SEÇÃO | DISTRITO OU MUNICÍPIO |
| | | | |

SÓ PREENCHER SE NÃO ESTIVER COM O TÍTULO

FILIAÇÃO: Pai: _____ Mãe: _____

FORMULA 3-A

AS ELEIÇÕES.

VOTO NULO

a) "Determina-se o quociente eleitoral dividindo-se o número de votos válidos apurados pelo de lugares a preencher, desprezada a fração igual ou inferior a meio, equivalente a um, se superior" (Artigo 106 do Código Eleitoral).

b) "Constam-se como válidos os votos em branco para determinação do quociente eleitoral" (parágrafo único do artigo citado).

c) "Determina-se para cada partido o quociente partidário, dividindo-se pelo quociente eleitoral o número de votos válidos dados sob a mesma legenda, desprezada a fração". (Artigo 107).

d) "Estarão eleitos tantos candidatos registrados por um partido quantos o respectivo quociente partidário indicar, na ordem de votação nominal que cada um tenha recebido". (artigo 108).

Há varias modalidades de votos nulos. As mais ocorrentes são: a) votar em dois candidatos a prefeito, na mesma cédula, com a assinalação dos quadriláteros; b) escrever o nome de um candidato a vereador e o número pertencente a outro; escrever mensagens ou bobagens na cédula que, assim fica indentificada; d) o voto dado a candidato não registrado; e) quando a assinalação estiver fora do quadrilátero próprio, desde que torne duvidosa a vontade do eleitor; f) votar só no partido, no caso dos candidatos a prefeito.

CANDIDATOS A PREFEITO

ARENA

Rubens de Luca
(vice- Vicente Genovez)

Pedro Fávaro
(vice- Ary Fossen)

Arnaldo Martins dos Reis
(vice: Alfredo Paoletti)

MDB

Abdoral Alencar
(vice: Ademir Victor)

Cid Ognibene
(vice: Irineu Romanato Filho)

Erazê Martinho
(vice: João Mazon)

Pode ser que o seu candidato, mesmo sendo o mais votado dos seis, não seja eleito. Se os três postulantes da legenda A, juntos, fizerem mais votos dos que os três candidatos da legenda B, mesmo que esta tenha o mais votado de todos, o eleito será o mais votado da legenda A. O voto para vice-prefeito é vinculado. Votando em um candidato a prefeito, você estará automaticamente votando no vice.

O MODELO DA CÉDULA

CANDIDATOS A VEREADOR

Ao todo, 90 candidatos concorrerão a 17 vagas na Câmara Municipal: 49 da Arena e 41 do MDB

ARENA

NOME E N.º

Adoniro José Moreira (2.101)
Antônio Tavares (2.102)
José Pereira Paschoa (2.103)
Josué do Prado (2.104)
Wilson Roberto Gonçalves (2.105)
Aldo Murari (2.106)
Ana de Souza Fioravante (2.107)
Edmar Correa Dias (2.108)
Elio Zillo (2.109)
Nelson Rossi (2.110)
Duílio Buzanelli (2.111)
Paulo Shibukawa (2.112)
Henrique Victório Franco (2.113)
Euler Buzá Faro (2.114)
José Ferretti (2.115)
Arnaldo Carraro (2.116)
Arioaldo José Giarola (2.117)
José Rivelli (2.118)
José Silvio Bonassi (2.119)
Lázaro de Oliveira Dorta (2.120)
Leonel Moacyr Corazzari (2.121)
Jarbas Menegasso (2.122)
Luiz Lourenço Gonçalves (2.123)
Adalberto Carlos Piccolo (2.125)
Carlos Gomes Ribeiro (2.126)
Lázaro de Almeida (2.127)
Pedro José Graciano (2.128)
Otávio Betelli (2.129)
Nassir Alves (2.130)
Rubens Noronha de Mello (2.131)
Antonio Carlos (2.132)
Carlos Ungaro (2.133)
Jorge Roque de Moura (2.134)
Eduardo de Souza Filho (2.135)
Waldemar Bertazzoni (2.136)
José Cruppe (2.137)
Ezaque Antônio Bueno (2.138)
Amadeu Ribeiro Júnior (2.139)
Emílio José dos Santos (2.140)
Augusto Lopes Romero (2.141)
Romeu Zanini (2.142)
Ercílio Borriero (2.143)
Adriano da Silva (2.144)
Ari Castro Nunes Filho (2.145)
Claudinê Barranqueiros (2.146)
Ulisses Nutti Moreira (2.147)
Otto Bittencourt Netto (2.148)
Eliéser Pedro de Freitas Rocha (2.149)
Auçônio Tozeto (2.150)
Dirlei Aparecido Shignolli (2.151)

MDB

NOME E N.º

Joaquim Ferreira (2.201)
Felisberto Negri (2.202)
Lázaro Rosa (2.203)
Antonio Carlos de Castro Siqueira (2.204)
Alfredo de Francesco (2.205)
Fernandes Correa Lemos Filho (2.206)
Edenés Pinto (2.207)
José Napoleão Mazalli (2.208)
Arioaldo Alves (2.209)
José Balduino de Amaral Gurgel (2.210)
Joel Quadros de Souza (2.212)
José Godoy Ferraz (2.213)
Tarcísio Germano de Lemos (2.214)
Arthur Gardino (2.215)
Antônio Prado (2.216)
Pedro Oswaldo Beagin (2.217)
Carlos Kazuo Inoue (2.218)
André Benassi (2.219)
Aurêlio Santucci (2.220)
Geraldo Bescancini (2.221)
Ercílio Carpi (2.222)
Mauro Manoel Marques (2.223)
Douglas Fernandes (2.224)
Arlindo Vicente Brunelli (2.225)
Nelson Aparecido Felipe (2.226)
Luiz Carlos Boldrin (2.227)
João de Oliveira Prado (2.228)
Luiz Rodrigues (2.229)
Marco Antônio Colagrossi (2.230)
José Roberto da Silva Souza (2.231)
Waldemar Aparecido Maltoni (2.232)
Adilson Galvão (2.233)
Jurema Gonçalves (2.234)
Adilson Polli (2.235)
Saul Moreira Pontes (2.236)
Randal Juliano Garcia (2.237)
Adonai Ângelo Zani (2.238)
João Ferreira de Godoy (2.239)
Waldemar Ramiro (2.240)
Aristides Prado (2.241)
Nivaldo Campos Camargo (2.242)

PARA PREFEITO

- ☐ ABDORAL ALENCAR
Vice: Ademir P. Victor
- ☐ CID OGNIBENE
Vice: Irineu Romanatto
- ☐ RUBENS DE LUCCA
Vice: Vicente Genovez
- ☐ PEDRO FÁVARO
Vice: Ary Fossen
- ☐ ARNALDO REIS
Vice: Alfredo Paoletti
- ☐ ERAZÊ MARTINHO
Vice: Dr. João Mazon

PARA VEREADOR

Nome do candidato: _____

No. _____

Sigla do Partido:



POESIAS

"Através desta, quero cumprimentar a Escola "Paulo Mendes Silva" pelo concurso de poesias que ela promove há cinco anos. Iniciais sadias como esta merecem todo apoio. Parabéns também ao Jornal de 2a-Feira, por ter divulgado o concurso, inclusive as poesias premiadas". Ana D. Guimarães.

"Gostei muito da página em que os senhores publicaram algumas poesias premiadas num concurso escolar. Só uma dúvida: a poesia "Flores" segunda colocada do grupo dois, está publicada como sendo de autoria de Anael Barbosa Marinho, num trecho, e como sendo de Anael Barbosa Martins em outro (logo abaixo da foto da aluna). Qual dos dois sobrenomes é o certo?". Delfina Vieira

Foi falha nossa. O certo é Marinho, e não Martins.

NÃO TEM DE QUÊ!

Pelo presente, queremos agradecer a magnífica cobertura prestada por esse conceituado jornal ao V Concurso de Poesias, promovido por nossa escola.

A publicação dos trabalhos vencedores, bem como as fotos dos jovens poetas classificados, constituiu-se num poderoso incentivo para os muitos alunos de nosso estabelecimento (e, cremos nós, de outros também) que se dedicam à difícil arte da Poesia.

Prescilla Alve Fêu (diretora substituta da Escola "Paulo Mendes Silva")

Olga de Brito (organizadora)

Gema Galasso (organizadora)

Ora, ora, não tem de quê. Fizemos só nossa obrigação. Em todo caso, agradecemos pelo "conceituado" com que nos brindaram. Se continuar assim, logo, logo, o pessoal da numerada coberta vai achar que somos um jornal de verdade.

IMIGRANTES

"Muito boa aquela da Imigrantes, publicada em nove ou dez idiomas. Só vocês mesmo..." Almir Damasceno

Obrigado, thankyou, danke schoen, muchas gracias, merci, arigatô, grazie.

UM LEITOR CANSADO

"Perdoem-me a franqueza, mas acho esse jornalzinho aí sem a menor expressão. Os senhores batem muito na mesma tecla, e isso cansa". Benedito B. Braga

"Bater na mesma tecla" parece-nos uma expressão que está sendo mais usada por aqueles que preferem se acomodar, ignorar os problemas da cidade. De qualquer forma respeitamos sua opinião, sr. Benedito, inclusive quando o sr. diz que o "Jornal de 2a-Feira" não tem a "menor expressão": Só o fato de o sr. se preocupar em escrever para cá coloca em dúvida sua opinião.

SUGESTÃO DE UM CICLISTA

"Sou um dos adeptos da bicicleta, principalmente nestes tempos de economia de combustível, e gostaria de fazer uma sugestão a quem de direito: por que não fazem pistas especiais para nós, ciclistas? Por exemplo, ali na avenida Nove de Julho, lugar ideal para se praticar o ciclismo". Antenor Marcos de Ataíde

O problema, ao que parece, é compatibilizar o ciclismo com a luta contra a mortalidade infantil, sr. Antenor. De qualquer forma, sua sugestão fica constada em ata.



APOIO

Sr. redator, o motivo desta carta não é outro senão o de perguntar porque as colunas do FAO não ocupam a capa ou a contracapa do Jornal de 2a., de 25 a 31 de outubro, coluna essa com o título de "Quem é Subversivo?", muito embora devo dizer que a reportagem dos Imigrantes valeu a pena mesmo, mas a do FAO, com todo o respeito para com outras reportagens, deveria estar mais visível para o público. Severino

FAO agradece encarecidamente.

FOI ENGANO.

Sr. Liguei mil vezes para o 436-8648 e não consegui falar com esse jornalista. Por isso, resolvi escrever para perguntar se... Leonel Garcia.

Tente 434-8646. Mas pergunte outra coisa. Nossa secretária tem mais o que fazer do que informar o telefone da Viação Cometa.



UM PEDIDO: CONTINUEM

"Muito gostosa de ler seção "Humor & Sério" de Nicodemus Pessoa. Muito boa a coluna do Percival Sandro, excelente. Era idem. N&O, espetacular. vocês vão parar de circular sem mais nem menos? Continuem, por favor" N.S.

Vamos continuar, N.S. Para desgosto da turma da numerada coberta, que anda espalhando boatos por aí.

CONCURSO DE CONTOS: UMA SUGESTÃO.

"Li o regulamento do concurso de contos do Jornal de 2a-Feira pelo qual me interessei, e gostaria de dar uma sugestão: por que os senhores não dão um prêmio especial para o melhor conto de autor jundiaense? Seria um incentivo para quem vai concorrer com gente boa de outras localidades, não acham?". R.D.

Sugestão anotada, R.D. Estudaremos o caso.

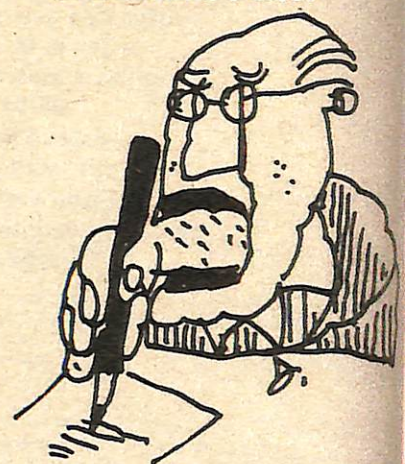


FOTO GELLI
Rua do Rosario, 334
Fone 4-2253

FOTO LUIZ
Agora em novas instalações.
Rua São José, 22

COMÉRCIO DE COURO
Rua Dr. Torres Neves, 338
Bola futebol n.º 1 - 60,00
Bola futebol n.º 2 - 74,00
Bola futebol n.º 3 - 97,00

AÇOUGUE E CASA DE CARNES MARCIO CACEZES
Rua Senador Fonseca, 1032
Entregas à domicílio
Fone 6-4880

JUNDIAÍ CLÍNICAS



Locais de atendimento
UNIDADE CENTRO

Rua Siqueira de Moraes, 242
Fones: 4-1067 e 4-1777

UNIDADE VILA ARENS

Rua Frei Caneca, 162
Fones: 6-3260 e 6-8248

UNIDADE PRUDENTE

Rua Prudente de Moraes, 1372
Fone: 6-6964

UNIDADE DE ABREUGRAFIA

Rua Prudente de Moraes, 1372
Fone: 6-6964

UNIDADE CAMPO LIMPO

Av. Manoel Tavares da Silva, 495
Campo Limpo Paulista

HOSPITAL
SANTA RITA DE CASSIA

Praça Rotatória, s/n - J. Messina
Fone: 4-1666

ONDE SE LÊ SLOGAN, LEIA-SE SLOGAN

"Por um acaso, cheguei às mãos um exemplar do Jornal de 2a-Feira, de semanas atrás. Li com muito interesse a reportagem sobre os candidatos a vereador e suas frases para a campanha, e notei que esse jornal aí inventou uma palavra nova: "slongan". A princípio, pensei tratar-se de erro de revisão, mas essa palavra saiu assim três ou quatro vezes, na mesma reportagem". Faustino Matos

O certo é slogan, Matusca Erra vejou.

ESTE VALE POR DEZ

Sr. (...) Congratulo-me com os prezados senhores pela corajosa campanha jornalística em favor dos interesses da nossa querida Jundiaí. Dr. Erwin Bornstein.

Vindo de quem vem, é um grande elogio. Obrigado.

A ASTRA existe para que não existam banheiros mal decorados.

AS TAMPAS PLASTICAS, ARMARIOS DE PENDURAR
E ARMARIOS DE EMBUTIR QUE A ASTRA FABRICA, DECORAM
DISCRETAMENTE O SEU BANHEIRO

ASTRA

Rua Colégio Florence, 59 Tels. 6-4650 e 4-1489



AS FÓRMULAS DE QUEM GANHOU MILHÕES NA LOTERIA.

Qual a melhor receita para se ganhar na Loteria esportiva?

Há pelo menos três pessoas para dar a resposta: o mineiro Gentil Lopes do Nascimento, que já ganhou 62 vezes, o carioca Walter Marchi Filho, que foi premiado 35 vezes, e dona Juventina Morena de Oliveira, que ganhou uma só vez, mas com dois cartões.

Gentil mantém outro recorde, além das 62 vezes em que ganhou na loteria: no

teste 303, ganhou com seis cartões, recebendo um total de Cr\$ 2.137.882,28. Já Walter poderia ter ganhado mais vezes, se não fosse seu time preferido, o Corinthians:

— Por jogar como terceiro e não como apostador, o Corinthians me fez perder, em três testes, um montante superior a 4 milhões de cruzeiros. Resultado: só ganhei 35 vezes.

Esse “só 35 vezes” soa com ironia, pois Walter está rico, embora não revele quan-

to ganhou até agora. Ao contrário de Walter, ex-contínuo de uma fábrica de papel em Barra do Piraí, o corretor de imóveis Gentil não faz segredo: diz que já ganhou quase cinco milhões de cruzeiros até agora.

AS RECEITAS

Walter não diz que é supersticioso, mas usa um pé de coelho, no chaveiro e diz que nunca marcou seus cartões antes de meia-noite. Na primeira vez, ganhou pouco: Cr\$ 446,00, há três anos,

quando mais de 40 mil fizeram treze pontos num só teste. Nas 35 vezes ele usou o mesmo esquema: espera dar meia-noite, espalha os jornais sobre a mesa, em casa, e calmamente estuda as possibilidades de cada time. Não tem fórmulas mágicas ou matemáticas. Só intuição para determinar os resultados dos jogos considerados difíceis:

Já Gentil tem uma receita simples (até certo ponto): — Saber matemática e ter dinheiro.

Quanto a saber matemática, dona Juventina Morena de Oliveira professora, fez uma soma diferente, quando ganhou com dois cartões, em julho deste ano: Cr\$ 3,00 mais Cr\$ 3,00 — Cr\$ 8,5 milhões.

Como? Simples: ela foi fazer duas apostas de Cr\$... 3,00, em sua cidade, Vacaria (Rio Grande do Sul) e, sem querer, marcou os mesmos palpites nos dois cartões.

A PROFESSORA GANHOU 800 MIL E NÃO SABIA.

Todas as segundas-feiras, bem cedo, começa o movimento no prédio onde funciona a gerência das Loterias, no Rio de Janeiro. São os repórteres de rádio e televisão que chegam para saber quantos ganharam no último teste. Há uma sala para eles, no andar térreo. De meia em meia hora, os locutores transmitem boletins da Loteria Esportiva, distribuídos por José Dias, da “Sport Press”, junto com o chefe do setor de Loteria Esportiva, Abreu Coutinho:

— São Paulo, 62 ganhadores, Rio, 23...

A transmissão começa às nove horas da manhã, mas nem todos a acompanham. Como uma professora do Rio, que acertou os treze jogos de um teste mas não conferiu o volante. A história está no Jornal da Caixa, de junho; nes-

ses casos, Carlos Mathias da Costa, gerente de Loterias no Rio de Janeiro, e José Machado de Abreu Coutinho, chefe de Divisão da Loteria Esportiva, foram procurar a professora para avisá-la, isso quando

o prazo de pagamento (60 dias) estava terminado.

Chegaram ao endereço — um pequeno colégio da rua Real Grandeza, o portão estava até com cadeado. A diretora do Colégio não queria recebê-los — pensou que eram

— Somos da Caixa Econômica Federal, minha senhora. Do setor de Loterias. — E daí?

vendedores de livros. Mas, apresentadas as credenciais, eles puderam entrar:

— Daí que uma professora deste colégio acertou os treze pontos e não foi buscar o prêmio. Já se passaram mais de três meses. Quando o acertador não vai procurar o prêmio, a Loteria procura localizá-lo.

A diretora ficou pálida: — A professora ganhou os treze pontos? Quanto foi?

— Oitocentos e setenta e nove mil cruzeiros.

— Oitocentos milhões?

— Antigos, agora são oitocentos e setenta e nove mil...

No mesmo momento a diretora do colégio gritou para a sala de aula:

— A professora ficou rica! Ganhou quase um bilhão! Os meninos jogaram os livros para cima:

— Viva, viva a professora!

O CASAMENTO DO APOSTADOR

Esta história também é contada pelo Jornal da Caixa: um jovem nordestino não tinha ganhado muita coisa, mas dava para acertar bem sua situação — o prêmio era de uns trinta mil cruzeiros.

Conferido o cartão, foi à sede da Loteria: — Vim buscar o meu dinheiro.

— Cadê o cartão?

O moço era marceneiro. Chegara há pouco ao Rio. Deixara a noiva no Norte, para buscá-la mais tarde. No Rio já há três meses, jogava sempre na loteria.

— Meu amigo, o cartão não está com seu nome. Está no nome de uma mulher, é sua esposa?

— Não, é minha noiva.

— Bem, então traga-a para receber.

— Mas ela está no Norte.

— Vá buscá-la, só ela pode receber.

Nesse momento, o rapaz coçou a cabeça e falou:

— Tem uma coisa.

— O que é?

— O nome dela não é esse. Eu coloquei o nome como se ela já tivesse casado comigo...

— E ainda não casou?

— Não senhor...

Foi preciso explicar: o rapaz teria de casar com a moça para que esta, casada, mostrasse seus documentos com carteira de identidade para receber o prêmio. Juridicamente, a pessoa do cartão não existia, este era o problema.

— Deixe comigo que vou casar e volto — disse o jovem, decidido.

Foi ao Norte, casou-se e levou a mulher à Caixa, para receber o dinheiro.

ASSINE O JORNAL DE 2ª

Basta preencher os dados abaixo e enviar para a Rua Senador Fonseca, 1044 - Jundiaí

Nome:

Endereço:

Cidade: Estado:

☐ Anual.....Cr\$ 120,00

☐ Semestral.....Cr\$ 70,00

Envie um cheque nominal a favor da Editora Japi Lda

ANTENAS E TORRES

Instalamos antenas e Amplimatic para:

— TV branco e preto.

— TV em cores.

Vendemos e colocamos, torres. Trocamos arames ca-

nos e fios.

Av. Alvares de Azevedo, 403 — Fone: 436-2832.

Irineu Romanatto F. — técnico.



Dona Flor: duas semanas em Jundiaí, com seus dois maridos.

A maior atração da semana é "Dona Flor e Seus Dois Maridos", que começa a ser apresentado no dia 14 e vai até o dia 27, no Marabá. Mas "O Homem Que Queria Ser Rei", também agrada. Ficará em cartaz de 11 a 13, também no Marabá. Escolham:

Um Golpe em Berlim — Comédia com Telly Savalas. Continua em cartaz até o dia 10, no Marabá.

O Homem que Queria ser Rei — De John Huston e John Foreman, com Sean Connery, Michael Caine e Christopher Plummer.

Rudyard Kipling (Christopher Plummer), jovem jornalista trabalhando em Lahore, Índia, se interessa de imediato por dois astutos-sargentos do exército britânico, Daniel Dravot (Sean Connery) e Peachy Carnehan (Michael Caine); esse interesse aumenta ainda mais quando descobre que os dois são irmãos-maçons. Os irmãos contam a Kipling seu plano de ir ao primitivo Kafaristão, em busca de uma grande fortuna lá existente. Por dois cruzeiros já está bom, não? De 11 a 13, no Marabá.

Dona Flor e Seus Dois Maridos — De Bruno Barreto, baseado no romance de Jorge Amado. Música de Chico

Buarque. Vadinho, o primeiro marido de Dona Flor, morre fantasiado de baiana, quando sambava em meio a um bloco de carnaval nas ruas da Bahia. "Vagabundo, jogador, gigolô, um porreta, sujeito formidável". É assim que os presentes recordam Vadinho em seu velório. Enterrado o cadáver, Dona Flor, no sofrimento de sua viuvez, lembra a sua vida com o marido. Na sua noite de núpcias foi abandonada na madrugada. Vadinho trocou o leito pela roleta e pelo "Castelo" em companhia de sua turma — o negro Arigof, o compadre Mirandão, o bêbado Cazuza Funil, o violonista Carlinhos, o poeta Godofredo e o ca-

chorro 17. Dona Flor casa-se de novo. O segundo marido é a própria negação do primeiro: Teodoro Madureira, farmacêutico de respeito e amante da música erudita, é considerado o homem perfeito por Norma, Dinorá e Jacy, vizinhas de Flor. Mas vamos parando por aí, porque tem mais filme na fila. Com José Wilker, Sônia Braga e Mauro Mendonça. De 14 a 27, no Marabá.

Os Sobreviventes dos Andes — Baseado no desastre de outubro de 1972, quando um avião da Força Aérea Uruguaia, bateu numa montanha nos Andes. Já está em cartaz

desde a semana passada e vai ficar por aqui até o dia 11, no Ipiranga, Paciência...

Betão Ronca Ferro — Comédia com Mazaroppi.

A Terra que o Mundo Esqueceu — Oito sobreviventes de um naufrágio vão parar na ilha de Caprona, habitada por criaturas pré-históricas, ferozes e gigantescas. Adaptação de uma novela de Edgar Rice Burroughs, o criador de Tarzan. Com Doug McClure, John MacEnery e Susan Penhaligon. Burroughs já fez coisas melhores, mas o filme vale como distração. A partir do dia 14, no Ipiranga.

As inquietantes inovações de uma produção franco-japonesa

O Império dos Sentidos (L'Empire Des Sens); direção: Nagisa Oshima, com Eiko Matsuda e Tatsuya Fuji; produção franco-japonesa.

Todos os anos, o Festival de Cannes costuma revelar o que os críticos franceses têm por hábito de chamar "o filme do ano". Foi o caso de "Voyage des Comédiens", do grego Angelopoulos, em 75; repete-se agora com "O Império dos Sentidos", do japonês Oshima.

Se bem que a surpresa causada por "Voyage" tenha sido muito maior, já que Oshima é considerado sem discussões o maior realizador japonês da nova geração, certos traços comuns não devem ser esquecidos. É de se notar, sobretudo, o fato de filmes tão inovadores e inquietantes terem sido riscados da mostra oficial, coincidência muito significativa quando se pensa no caráter desse festival, transformado há tempos numa gigantesca feira a serviço dos grandes produtores cinematográficos.

Da mesma forma, é quase obrigatório aproximar o rico e preguiçoso "Taxi-Driver" que deu a Martin Scorsese a Palma de Ouro a "O Império dos Sentidos"; e — mais ainda — comparar um Oshima que se recusa a ceder as imposições dos grandes estúdios japoneses, com o Scorsese que depois do modesto "classe B" Boxcar Bertha (Sexy e Marginal) também foi citado como o mais promissor dos jovens cineastas americanos e hoje entrega-se cada vez mais a uma magistralidade tão talentosa quanto fútil.

Assim, enquanto se vê Scorsese distanciar-se da tradição do melhor cinema americano, Oshima segue sendo de uma geração que, de Mizoguchi e Kobayashi, fez do Japão um dos principais centros da cinematografia mundial.

A exemplo do que fez em "Garoto Toshio" (o único de seus filmes já exibido no Brasil), aqui também Oshima valeu-se do noticiário policial japonês para compor sua fábula. No caso, trata-se da estória acontecida em 1936, entre a jovem Sada, empregada de um bordel e da li-

gação que mantém com seu patrão. Um fato, como se vê, banal, não tivesse esse amor a singularidade de progressivamente reduzir o mundo às dimensões do quarto onde se praticava.

Nos primeiros minutos do filme, é verdade, os amantes ainda recebem as visitas de uma cantora ou deixam-se interromper por criados que lhe trazem refeição. Sada chega a sair e se prostitui com um idoso senhor; seu amante também visita a primeira mulher. Mas isso são os primeiros minutos. Todo o resto nada mais do que um demorado ato de amor prolongando-se por dias e noites e embora os amantes tirem uma satisfação sempre maior de seus atos, o seu amor nunca está satisfeito. Eles passam dias sem comer, ou antes se alimentando de si mesmos; passam dias sem dormir, como se o sono já fosse uma forma de morrer.

A morte é, a rigor, uma presença que atravessa esse amor desde o seu princípio: ou desde que Sada força o alberguista a optar entre ela e sua mulher e o previne de que ficar com ela implica em escolher o permanente risco da morte. Diversos críticos já evocaram, a propósito deste filme o célebre livro de Georges Bataille, "O Erotismo", cuja idéia central consiste na idéia de que o amor é uma afirmação da vida até mesmo na morte.

No caso, o mérito de Oshima consistiria na maneira sutil de criar cinematograficamente esta idéia, prolongando por todo o filme um delicado clima de suspense, onde o espectador é levado a acreditar que só o ato amoroso prolonga a vida dos amantes, que interrompê-lo é morrer. Quando o alberguista escolhe o amor de Sada, de certo modo já aceitou esta morte; quando enfim permite-se dormir, está na verdade consentindo no assassinato. Sada, ainda esta vez, não o decepciona: ela o mata. Em seguida, corta-lhe o órgão sexual e, com o sangue do amante, escreve em seu ventre: "Nada, só nós dois".

A força contida no argumento é óbvia, mas está longe de esgotar por si só o interesse desse trabalho e

mesmo sua originalidade. Mas, quando se fala na originalidade de um cineasta japonês, a palavra não tem o mesmo sentido que quando empregada a propósito de um ocidental. Ser original no caso implica muito menos em romper com uma tradição e muito mais em enriquecê-la. No caso, duas contribuições aparecem nitidamente. Em primeiro lugar, Oshima — um dos diretores que melhor partido tira da elipse como instrumento de significação — reverte em "L'Empire des Sens" a expectativa criada por seus filmes anteriores. Se a elipse consiste em um salto pelo qual suprime-se e subentende-se uma série de acontecimentos, neste filme o assunto é exatamente aquele que tem sido, ao longo de 80 anos, o objeto privilegiado da elipse cinematográfica: o ato sexual. Se toda a história do cinema limitou-se a sugerir o gesto amoroso, "L'Empire des Sens" prefere sugerir o mundo, mostra-lo em rápidas e agudas passagens. O amor deixa de ser motivo de discussão (como no ocidente), para ser ação, vetor por onde se introduzem os problemas afetivos, culturais, políticos; e na verdade este tipo de classificação perde um pouco o sentido, já que os problemas só são tocados na medida em que se apresentem como constitucionais. Um exemplo disso está numa rápida sequência, em que o amante passeia na rua, em sentido contrário às tropas do Mikado, que passam aplaudidas pela multidão e saudadas por bandeirinhas japonesas. É possível ver nisso o amor como contrasenso do espírito belicista que levaria o Japão a uma desastrosa guerra (o filme passa-se em 36). Mas essa sequência não se esgota ali, ela se liga a todos as intromissões do mundo exterior da vida dos amantes, liga-se igualmente ao fato dessas intromissões serem tão raras e seu sentido transformar-se na medida em que se privilegie tal ou tal ponto, tal ou tal entrada de um filme ao qual não faltam entradas.

Outro aspecto não menos importante desse trabalho é que pela primeira vez utiliza-se toda a liberdade

concedida pelo chamado filme pornô em outro sentido que não o do xarope turístico vendido pelos "Garganta Profunda e Cia." (e cujas sensaborias fariam empalidecer os usuários frenéticos da expressão "porno-chada", com a qual pretende-se denegrir a proveito não se sabe (ou sabe-se) de que uma mercadoria brasileira incomparavelmente mais inventiva). Em lugar de repetir, como tantos outros, a superficial condenação a esse tipo de produção, Oshima e sua equipe trataram de tirar o máximo partido de um fenômeno (o surgimento da moda pornô) cujas manifestações correntes na Europa e Estados Unidos nada mais são do que a ponta visível de um vasto iceberg. A menos que se pretenda atribuir tudo a uma genérica "decadência dos costumes", a curiosidade que hoje em dia envolve os problemas do sexo pode prestar-se até mesmo a manobras comerciais, mas seu sucesso, e mesmo sua exploração, nada mais fazem do que responder as aspirações e perguntas que por esse veículo tantas vezes censurado, o homem de hoje se faz sobre a vida, o amor o destino.

Não seria interessante deixar passar outro ponto; ao contrário do "Salô" de Pasolini, "L'Empire des Sens", estabelece com o sexo uma relação sem afrontamentos ou angústia. Embora focalizado em sua literalidade, ele aqui não passa por questão privilegiada que concentraria em si as indagações restantes. A sexualidade ou os sentidos, aqui consistem exatamente num império, num domínio de onde se disseminam questões, de onde homem indaga o universo que habita, que produz e onde é produzido. "L'Empire des Sens" foi lançado em Paris em setembro, depois de uma longa polémica com a censura, que pretendia atribuir-lhe a classificação de "filme pronográfico" (sujeito a restrições de publicidade e a sobrecargas fiscais) contra o que se manifestam os produtores.

Inácio Araújo
(De Paris, via Varig, especial para o J 2a.)



JOSÉ VASCONCELOS, DE VOLTA.



Três anos depois, José Vasconcelos volta ao teatro, em São Paulo: está se apresentando no auditório da Associação Cristã de Moços (rua Nestor Pestana, 147), com o espetáculo "Cidadão de Araque".

Na peça, ele é o habitante da cidade imaginária de Araque, que fica comparando as diferenças entre sua aldeia e a cidade grande, como fazia há três anos, mas Vasconcelos garante: há muita coisa nova neste show, escrito a dez mãos (ele, Roberto Silveira, Irvando Luis, Max Nunes e Haroldo Barbosa).

É o sétimo trabalho de Vasconcelos, na mesma linha

do one-man show, iniciada em 1959 com "Eu Sou o Espetáculo", que acabou virando disco.

Agora ele já não fez tantas imitações como antigamente, prefere um humor mais baseado em tipos, embora evitando a repetição de personagens.

No início de seus shows, ele gozava as figuras mais populares da época, e chegou a ser ameaçado uma vez por Ari Barroso:

— Vou cobrar direitos autorais de você pela minha imitação. — ameaçou o compositor de "Aquarela do Brasil".

— Ótimo, assim eu cobro

a publicidade que eu lhe faço — respondeu Vasconcelos.

"Cidadão de Araque" fica na ACM até dezembro, com apresentações às sextas (21 horas), aos sábados (20 e 22) e domingos (18 e 21 horas). Preço: Cr\$ 50,00.

Em dezembro, ele estreará a peça "Defunto Fresco", de Renato Pereira, onde fez cinco personagens: o investigador de polícia, a primeira, segunda, terceira e quarta testemunha do morto.

E Vasconcelos não quer parar por aí. Já está preparando um programa para ser apresentado em televisão, misturando turismo com humor.

— Um Amaral Neto feito com inteligência.

Jornal do Livro

O J 2.a tem prêmios para os contistas.

Com o objetivo de incentivar o aparecimento de novos valores e de estimular a literatura em nossa cidade, o Jornal de 2a-Feira está criando o I Concurso de Contos de Jundiá. Poderão concorrer todos os interessados, e os contos serão julgados por uma Comissão a ser anunciada oportunamente pelas páginas do Jornal de 2a. O melhor conto será premiado com 3 mil cruzeiros. O segundo colocado com 1.500 cruzeiros, e o terceiro colocado receberá 500 cruzeiros. Prazo de entrega: até 15 de janeiro.

Este é o regulamento do I Concurso de Contos:

1 — o I Concurso de Contos de Jundiá, criado pela Editora Japi, proprietária do Jornal de 2a-Feira, oferecerá 3 mil cruzeiros ao vencedor, 1.500 cruzeiros ao segundo colocado e 500 cruzeiros ao terceiro colocado, de acordo com o julgamento da Comissão a ser designada pela leitura e seleção dos textos;

2 — poderão concorrer ao concurso todos os interessados, sem qualquer limite de idade, e sem qualquer outra distinção;

3 — os trabalhos enviados devem ser inéditos;

4 — os temas serão de escolha absolutamente livre dos concorrentes;

5 — todos os candidatos ao concurso deverão enviar seus trabalhos sob pseudônimo, em cinco vias, ao Jornal de 2a-Feira, rua Senador Fonseca, 1044, Jundiá, CEP 13.200. Em envelope à parte, fechado, deverão ser colocados o nome real, o pseudônimo, o endereço, dez linhas de dados pessoais;

6 — os trabalhos deverão ser datilografados em espaço duplo numa só face do papel, com uma média aproximada de 30 linhas de 70 toques por página;

7 — os trabalhos devem ter as seguintes dimensões: mínimo de 2 páginas datilografadas, máximo de 14;

8 — os três primeiros colocados serão publicados nas páginas do Jornal de 2a.; outros trabalhos, mesmo não premiados, poderão ser publicados, a critério da direção da Editora Japi;

9 — os trabalhos deverão ser entregues até o dia 15 de janeiro de 1977;

10 — os resultados do concurso serão divulgados num prazo não superior a dois meses a partir da data do encerramento do concurso; os prêmios serão entregues em data a ser fixada, e que será publicada pelo Jornal de 2a-Feira;

11 — os casos omissos serão resolvidos pela direção da Editora Japi.

Vinte e seis novidades para os sócios do Gabinete

Novidades que o Gabinete de Leitura Ruy Barbosa já tem à disposição de seus sócios:

1) "O Tigre de Ouro", de Jonathan Black; 2) "O Filho Desejado", de John Steinbeck; 3) "Sombra 81", de Lucien Nahum; 4) "O Anjo dos Esquecidos", de Heinz G. Konsalik; 5) "Deixa o Alfredo Falar", de Fernando Sabino; 6) "Araceli, meu Amor", de José Louzeiro; 7) "O Mais Procurado dos Homens", de Colim Mackenzie; 8) "O Blefe do Futuro", de Georges Elgozy; 9) "A Mulher So", de Harold Robbins; 10) "O Homem de Ontem", de George Markstein; 11) "Amores sobre o Don", de Heinz G. Konsalik; 12) "Dolores", de Jacqueline Susann; 13) "Ragtime", de E.L. Doctorow; 14) "Primo Canto", de Afonso Arinos Filho; 15) "90 Minutos em Entebbe", de William Stevenson; 16) "A Consciência", de André Silliéme; 17) "Andares", antologia poética de Hermann Hesse; 18) "26 Poetas-Hoje", seleção e introdução de Heloisa Buarque de Hollanda; 19) "Assim Voltamos ao Inferno", de Neimar de Barros; 20) "Feijoadada no Copa", de Chico Anísio; 21) "Depois do Funeral", de Agatha Christie; 22) "Os 39 Degraus", de John Buchan; 23) "A Glória de um Cirurgião", de Heinz Konsalik; 24) "A Condessa de Cagliostro", de Maurice Leblanc; 25) "O Mis-

tério de Orcival", de Émile Gaboriau; 26) "O Navegante", de Morris West.

COMO FICAR SÓCIO

Os sócios do gabinete pagam apenas Cr\$ 15,00 mensais, e têm à sua disposição 19.723 obras, por enquanto. É só falar com José Carlos Pisanelli, de segunda a sexta-feira, das 8 às 11 horas, das 13 às 17 e das 18 às 22 horas; aos sábados e domingos o Gabinete funciona das 8 às 11 horas. Endereço: Rua Cândido Rodrigues, 301.

ANHANGUERA: AS NOVIDADES E OS MAIS VENDIDOS

Novidades recebidas pela Livraria Anhanguera (rua do Rosário, 421): 1) História do Brasil, de Frei Vicente Salvador; 2) Recanto de Paz, de Francisco Xavier; 3) A Foto em Dez Lições, de Hachette; 4) Revolução Sexual, de Reich; 5) Previsão de Vendas, de Batterseby; 6) Tratado de Armonia, de D'Santes.

Os mais vendidos: 1) Olhai os Lírios do Campo, de Érico Veríssimo; 2) Só o Vento Sabe a Resposta, de Simmell; 3) Fundação, de Asimov; 4) Escuta, Zé Ninguém, de Reich; 5) Água-Mãe, de José Lins do Rego; 6) O Mistério da Atlântida, de Berlitz.

Faculdades "PADRE ANCHIETA" de Jundiá
rua marçílio dias, 299
fone, 434-1763

VESTIBULAR 77

INSCRIÇÕES ABERTAS

TODOS CURSOS RECONHECIDOS

EXAMES: 24 A 27 DE JANEIRO/77

ECONOMIA - ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS - CIÊNCIAS CONTÁBEIS - LETRAS: português / inglês (licenciatura plena)
CIÊNCIAS - DIREITO - PEDAGOGIA: administração escolar 1.º 2.º graus e magistério

"Só temos a acrescentar que o quadriênio vai chegar ao fim e as dúvidas levantadas ficarão. A nossa sociedade, ao que parece, não será informada nesta administração: só o próximo prefeito irá desincumbir-se da tarefa tão desagradável de informar os jundienses, por exemplo, quanto vão pagar pelo asfalto que está sendo colocado em ruas pavimentadas ou não e os encargos que receberam de uma administração que está dando e vai dar muito que falar". (Virgílio Torricelli, "Jornal de 2a., 6 a 12/9)

"O artista só será profissional quando se sentir profissional. Ele tem que parar de puxar o saco das autoridades, dar entrada grátis para a noite de estréia para a imprensa e cobrar pouco. O público é que tem que subir à arte, e não a arte descer ao público". (Juca Chaves, Folha de S. Paulo de 5/10)

"Em cada um reside o poder de transformar o sofrimento em alegria, a escassez em abundância...". (Reverendo Ike, fundador da Igreja Unida, Jornal do Brasil)

"Já vivemos numa cidade invejada por muitos e já somos modelo de município para o Brasil, pois realizamos algo inédito em termos de Plano de Obras, com nada escapando às observações de uma tecnologia avançada, moderna e bem planejada em sua aplicação". (Jornal da Cidade, 3/10)

"De maneira marginal, com sua verba de propaganda, o anunciante proporciona independência aos meios de comunicação. Isto é, proteger a liberdade contra o medo e a coerção". (Luiz Macedo, diretor da MPM Propaganda, Correio do Povo, de Porto Alegre, 16/9)

"Acho que é o pensamento básico de todo político realizar algo pela comunidade, Mas o motivo principal foi a revolta que tive em relação à atual administração... Não devemos nos omitir. A maior falha de uma pessoa é a omissão

política". (Ademir Pedro Victor, candidato a vice-prefeito pelo MDB, com Abdon Lins de Alencar)

"Hoje, quando lembraram a Igreja do Sagrado Coração de Jesus demolida mostrando uma reportagem exatamente do colunista, de 1947, a gente que demoliu um monumento arrancou uma página das mais belas do livro da história da Colônia". (Guilherme Enfeldt, JJ de 27/10)

"Temos que impor a nossa maior categoria". (Duque, técnico do Corinthians Jornal da Tarde de 16/9)

"Quanto mais se receber/ coisas que os políticos dão/ fica-se escravizado/ no tempo da eleição/ Quando devemos fazer/ toda a nossa obrigação". (Sebastiana Arcelino, vencedora de um concurso de poesia popular para o Programa de Educação Política da Arquidiocese de Vitória, Espírito Santo)

"Não há verba p'ra o Colégio continuar/ Atividades que aos demais exemplifica/ Pouco importa ser tachado de exemplar/ Se não me rende os votinhos lá da Cica/ Hei de trazê-los todos bem regados/ churrascos, "caipirinha" e outros pitêus/ P'ra que possa o Reis ao trono ser levado/ E eu na minha engazopando os tabaréus". (Simão, Jornal de 2a., semana de 15 a 31/10)

"Resta uma dúvida. Todo progresso impõe uma série de inconvenientes, de verdadeiros atentados contra a natureza, entre os quais se inscreve a poluição. O resumo de tudo é se vale a pena crescer, desenvolver-se, mas piorando a vida que se vive". (Jornal da Cidade, 22/9)

"Talvez não exista nada mais bonito do que uma ninhada de dálmatas". (Jornal de Brasília, 24/10)



PUFFS

Verba Volant é o dinheiro gasto na promoção do Copersúcar.

Jimmy Carter é um molho americano sem similares no Brasil.

Cópula é a parte das árvores onde os pássaros constroem seus ninhos.

Agamenon escrevia seu nome errado.

Nuremberg inventou a revista dos tribunais.

Ovídio nasceu em Viennatone.

Bombordo é um doce muito apreciado pelos marinheiros.

Pau-de-arara é um instrumento para se ensinar aves a falar.

Edison foi um obstetra muito brilhante.

Camelô é um homem capaz de falar três dias sem beber água.

Estéril é um aparelho de som que não reproduz música.

Retreta é uma fotografia tirada dentro de um coreto.

Molambo é uma dança muito popular nos bairros periféricos.

Gorgonzola foi um italiano que disse "Há algo de podre.."

Churchill é uma famosa igreja da Inglaterra.

Chancelaria é uma espécie de boloteca internacional.

Dinossauro foi técnico do Corinthians há milênios.

Patuá é uma ave palmípede que dá sorte.

Despiste é um alimento que os pássaros comem às escondidas.

Zarteu

DEDICAÇÃO PLENA

Era tão político, mas tão político, que, quando as eleições se aproximavam, dormia em cama de campanha. (AF).

NÃO É TODA GENTE QUE VIVE ALI

Odon Pereira continua sua série de reportagens sobre o sistema viário defendido com unhas e dentes pela administração Ibis Pereira. Eles que são Pereira que se entendam, certo. Mas será que ninguém avisou o rapaz que não é toda a população de Jundiaí que vive em voltas das avenidas?



RETÍFICA

A besta aqui cometeu um engano, na última edição: onde se lê diretor de Turismo da Prefeitura, leia-se presidente da Comissão de Turismo. De qualquer forma, é da Prefeitura, (AF)

CLUBE PRÁ FRENTE (I)

É expressamente vedado o uso de tangas nas piscinas da sede de campo do Clube Jundiaense. As menininhas doiradas não estão gostando nem um pouco dessa medida, digamos assim, retrógrada da diretoria do Clube. Qual é, Romão? Prefere ver as menininhas com maiôs de aqualouco, como aqueles que a turma do Estúpido Cupido usa nas piscinas de Albuquerque? Ipanema, que é ao ar livre, está muito mais liberal. (S.V.)



RETÍFICA II

No número passado, a página 12 saiu no lugar da página 5, e consequentemente, vice-versa. Ei, Toninho do Fotolito, acorda! Perdão, leitores. (S.V.)

DEU NO JC (I)

Deu no Jornal da Cidade de 2/11:

'Na rua Pirapora, proximidades do número 965, as sujeiras da rede de esgoto estão vazando pelo tampão, causando enormes transtornos à população, pois em certas horas do dia, a sujeira volta para dentro das casas. A reclamação foi feita no DAE, e um pessoal compareceu ao local, mas logo foi embora, alegando que aquilo não dava para consertar, pois o problema é de canos estourados, e estavam com dó de arrebentar o asfalto da rua' Nada a acrescentar.

DEU NO JC (II)

Deu no JC de 2/11: "O plano viário de Jundiaí atendeu a um sonho de toda uma geração".

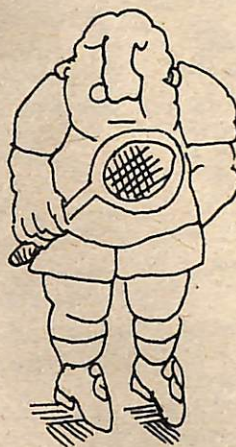
O amigo aí foi consultado? (AF)

SERÁ QUE PODE?

O transporte de passageiros é um serviço público, tanto assim que as concessões para os pontos de taxis são deferidas pelo Prefeito Municipal.

Estará a propaganda eleitoral ostentada por esses veículos enquadrada nas restrições da Lei?

CLUBE PRÁ FRENTE (II)



Nas quadras de tenis da sede de Campo do Clube Jundiaense é proibido praticar o esporte "sem estar devidamente uniformizado". Ou seja: inteirinho de branco, como se usava naqueles tempos. Qual é, Cardin? Quer dizer que se o Jimmy Connors vem jogar aí com aquela camiseta de listras brancas e azuis, vai ser expulso da quadra? E o Nastase, com as suas camisas vermelhas? (S.V.)

PROGRAMA

Comer: a Távola D'Oro (rua Coronel Leme da Fonseca, 43° - fone 434-0844 ou 436-6644) tem boas opções para uma refeição: capeletti, lasanha, ravioli ou nhoque, todos a 23 cruzeiros cada porção; frango assado (28 cruzeiros); lagarto (90 cruzeiros o kg); cupim com farofa (80 cruzeiros o kg); coelho assado (70 cruzeiros o kg). As reservas devem ser feitas com 4 ou 5 horas de antecedência e o horário de funcionamento é das 8 às 18 horas, exceto aos domingos, quando funciona até às 12 horas. Atenção: não é restaurante, apenas fornece os pratos pedidos.

Grêmio: Baile de Aniversário, dia 13, com a Orquestra Sambrasil. Traje: passeio completo para os cavalheiros e longo ou longuete para as damas.

Caxambú: Baile-show com Jair Rodrigues e seu Conjunto. Sábado a partir das 23 horas.

Nacional: sábado, será o IV Carnaval da Primavera e no domingo outro baile, ambos com a Orquestra City Swing. Ainda no dia 14, haverá matinê infantil e juvenil, das 15 às 18 horas.

Banda: mini-baile, no sábado, com o musical A Pedra. Domingo, brincadeira com Nelson's Quintet.

Clube Jundiaense: na sede de campo, dia 13, Baile dos Casais, com a Orquestra de Silvio Mazzuca.

Arte: até o dia 10 deste mes, no Museu de Jundiaí, a I Exposição Didática do Folclore. A mostra é de peças artesanais, material fotográfico e escrito de manifestações populares.

IMIGRANTES

Afim de deixar bem clara nossa opinião publicada na edição anterior, neste mesma página, vamos repetir o que dissemos, com relação à inauguração da Avenida dos Imigrantes:

IMIGRANTES (III)

ام شاع الشريعة التي
يجاوله ام يفتوحها قد كنت
من بني السمر الذي قدته
شاة ثمانية
وهذا شهر قلة اهتمام حكمة
البلدية التي يرأسها ايبس
كرز في اموال الشعب الذي
سيفترس بوسط الضرائب
خارطة عدة سنين

IMIGRANTES (VII)

セシゴ前にイナグラをします。アベニダ
ラテスには、アホスタをします。ヒール
カクを使つておきます。其れはアレナ
カセ間の不ケイサイに金を使つてお
りなす其れを拂ふのは高いイホ
年の間で拂ふ事になりなす

IMIGRANTES (VI)

在今年選舉前夕，將會開放一條新建大道，名為移民大道，它的價值比普通投標承造的建築商建造的成率高一倍，這些金錢的無謂消費，又是依比士先生的一項白費人民金錢的無智行政，應將使納稅者在未來多年內又繳交更高的稅項。

ESGOTO, FEBRE TIFÓIDE... É A VILA HELENA

Ninguém sabe ao certo quando e como começou, mas presume-se que tenha sido há pouco mais de três anos e quando notaram, a V. Helena estava com esgoto correndo pela rua. E de nada adiantaram as constantes reclamações ao DAE nem à Prefeitura. Agora, restou apenas resignação e indignação, porque as esperanças morreram de há muito.

Os moradores da primeira quadra da rua Serra Negra são os que mais sofrem com o problema. O esgoto das casas que ficam na parte mais alta do bairro acaba correndo pela rua. As queixas seriam menores caso fosse apenas problema de mau cheiro, mas em várias ocasiões alguns dos moradores ficaram doentes e, mais recentemente, houve até caso de febre tifóide.

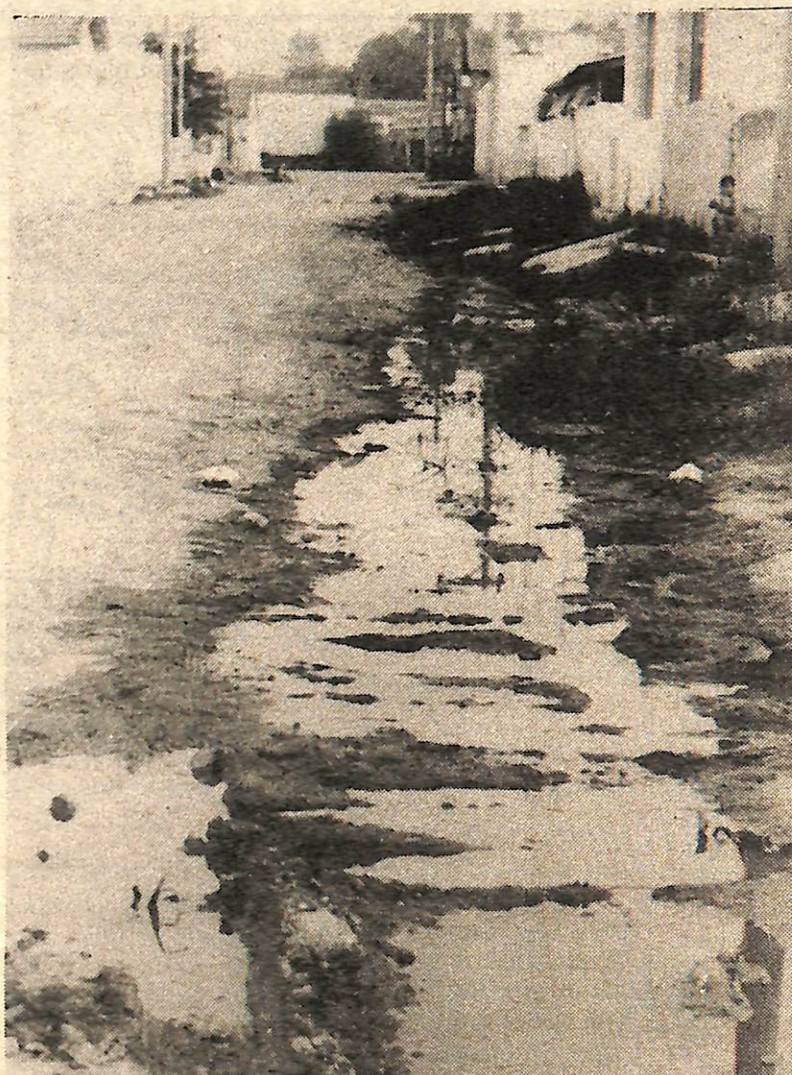
As crianças, mais frágeis, são as que mais sofrem. A vigilância sobre elas tem que ser dobrada. Quando chove, o volume de esgoto aumenta muito, chegando a invadir as casas. Para não permitir que os escolares chapinhem sobre os encremamentos do bairro, as mães são obrigadas a carregá-las. Na verdade, ocorre apenas uma transferência para elas da possibilidade de contrair doenças.

O caso da Vila Helena é muito complexo porque aquela área é muito baixa, havendo uma inclinação muito pequena, da rede de esgoto, o que dificulta a vazão. Mas isso não justifica o descaso para com aqueles moradores que já cansaram de pedir providências.

O problema não termina na rua Serra Negra, pois o esgoto continua a correr defronte as casas na rua Adriano de Oliveira, que não é calçada. Lá, a grande quantidade de limbo numa valeta denuncia toda a sujeira que fica estagnada.

Enquanto a Vila Helena se debate com o mau cheiro e o esgoto a invadir as casas, a Prefeitura se empenha em construir as vistosas avenidas do Sistema Viário. E esse é o principal motivo da revolta da população da Vila Helena que viu ser construída vizinha a ela a avenida 14 de Dezembro.

Entre adotar qualquer medida para livrar a Vila Helena do esgoto e do peri-



Na Vila Helena, o esgoto a céu aberto.



Jardim do Lago: de manhã, a disputa pelos tanques.

go de doenças e contratar a Andrade Gutierrez para fazer o Sistema Viário, a Prefeitura preferiu a segunda opção, e como é sabido, a preços lesivos aos interesses do município.

Mas não é só a Vila Helena é vítima dessa administração, muito pelo contrário. O recém asfaltado Jardim Danúbio, para espanto de seus moradores, tem locais onde as águas da chuva formam grandes poças. O asfalto novo da avenida dr. Olavo Guimarães foi impiedosamente quebrado há cerca de duas semanas, quando houve problema na rede de esgoto. Além de cara, a obra foi mal feita.

Os moradores do Jardim do Lago ainda se encontram em dificuldades para ter água em suas casas. Para lavar roupa, as donas-de-casa são obrigadas a usar os tanques públicos, arduamente disputados nas primeiras horas da manhã. Periodicamente, caminhões de tanques do DAE levam água ao bairro, enquanto toda material existente para a instalação da rede de água fica no depósito da Vila Rami.

Na Vila Esperança, o quadro também é lamentável. Todos estão pagando impostos altos e, muito de acordo com os critérios da atual administração, recebem em troca o esgoto que corre na rua, água de poço (provavelmente, contaminada pelas fossas) e nenhum melhoramento público (a não ser uma retificação das ruas nesses dias antes das eleições). Quando chove muitos dias seguidos, os ônibus não conseguem levar seus passageiros até o bairro. Então, eles são obrigados a descer e "amassar barro" até chegar a suas casas. Se alguém fica doente, nem ao menos de telefone público pode dispor para chamar socorro, já que não há táxis nas proximidades.

A maioria dos bairros periféricos vivem assim. Tem todos os problemas já característicos da periferia só que no caso de Jundiaí pagam impostos como se tivessem todos os melhoramentos urbanos. Nem as obras feitas recentemente conseguiram convencer (falta uma semana para as eleições) porque, em contrapartida, há três anos de total esquecimento. (C.K.I.)

PREFEITURA FAZ REFORMA NA CASA DE FUNCIONÁRIO

Na rua Jorge Elias Rachid Cury, a casa de n.º 54 sobressai ao lado das demais, todas humildes, com cerca de madeira (algumas nem cerca têm). Aquela residência tem um grande muro de pedra, portão de ferro e parece recém construída. Estaria tudo certo, não fosse a Prefeitura ter feito todas as reformas, além de fornecer material.

Segunda a denúncia, a casa foi comprada há cerca de oito meses por 55 mil cruzeiros por Iris Menegassi, um funcionário da Secretaria de Serviços Públicos. A casa era velha e começaram a chegar caminhões da Prefeitura que descarregaram material de construção.

Até a semana passada, dois pedreiros, Alfredo de Oliveira e o servente Antonio Zago trabalharam na casa. Eles fizeram um piso novo, instalaram janelas e outros melhora-

mentos, além da reforma do muro e a colocação do portão.

Tudo isso, segundo consta, foi feito às custas da Prefeitura para aquele funcionário. Ordens de serviço foram emitidas com registro em livro próprio e as demais providências tomadas quando se trata de obras públicas, só que visavam atender aos interesses de Iris. As mesmas denúncias afirmam que ele é um dos cabos eleitorais do candidato do Prefeito, razão dos serviços em sua casa.

Acrescente-se que esse mesmo cidadão funcionário municipal, Iris Menegassi, é o administrador das favelas em Jundiaí, às quais fornece material da Prefeitura na construção dos barracos onde é obrigatória a permanência da propaganda eleitoral dos candidatos do Prefeito. Se a propaganda não for mantida, ameaça os moradores de despejo. (C.K.I.)

